



Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Ministério da Educação

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FLUMINENSE**
Campus Campos-Centro

**Projeto Pedagógico do
Curso de Graduação
Licenciatura em Geografia**

Campos dos Goytacazes - RJ
2010

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A geografia é, assim, o ato de estabelecer limites, colocar fronteiras, fundar objetos espaciais, orienta-los ou o ato de qualificar o espaço, bem como a possibilidade de pensar essas ações dentro de um quadro lógico, de refletir esta ordem e seus sentidos. (GOMES: 1997)

A geografia, em seu processo de desenvolvimento histórico como área do conhecimento, veio consolidando teoricamente sua posição como uma ciência que busca conhecer e explicar as múltiplas dimensões entre a sociedade e natureza. Isso significa dizer que possui um conjunto muito amplo de interfaces com outras áreas do conhecimento científico. Assim, coloca-se a necessidade de buscar compreender essa realidade espacial, natural e humana, não de uma forma fragmentada, mas como uma totalidade dinâmica.

A geografia vem evoluindo, nas últimas décadas, tanto pela introdução e aprofundamento de metodologias e tecnologias de representação do espaço (geoprocessamento e sistemas geográficos de informação, cartografia automatizada, sensoriamento remoto, etc), quanto no que concerne ao seu acervo teórico e metodológico no nível da pesquisa básica (campos novos ou renovados como geocologia, teoria das redes geográficas, geografia cultural, geografia econômica, geografia política e recursos naturais) e ainda no nível da pesquisa aplicada (planejamento e gestão ambiental, urbana e rural).

Assim sendo, admite-se que essas transformações no campo do conhecimento geográfico vêm colocando desafios para a formação não apenas do geógrafo-pesquisador (técnico e planejador) como também para o geógrafo-professor do ensino fundamental, médio e superior.

A atual dinâmica das transformações pelas quais o mundo passa, como as novas tecnologias, os novos recortes de espaço e tempo, a predominância do instantâneo e do simultâneo, as complexas interações entre as esferas do local e do

global afetando o cotidiano das pessoas, exige que a Geografia procure caminhos teóricos e metodológicos capazes de interpretar e explicar esta realidade dinâmica.

As inúmeras questões que permeiam a discussão acerca desta crise ambiental vivenciada, nos tempos atuais, pela humanidade remetem a um ponto comum: o de valorização do espaço geográfico, visto que o meio ambiente vem sendo concebido como um sistema integral de elementos físicos/bióticos e sociais. A relação e/ou aproximação entre esta noção de meio ambiente e o conceito de espaço geográfico sugere a superação da dicotomia entre sociedade/natureza, e ainda atribui à questão ambiental o dinamismo do contínuo movimento de criação/recriação do espaço geográfico (Ajara, 1993).

O espaço é uma categoria que não é exclusiva da Geografia, é um conceito utilizado em diversas outras ciências e também no cotidiano das pessoas. Permite designar, assim, coisas muito distintas: espaço sideral, espaço pessoal, espaço econômico, etc. (Corrêa, 1995). Definir o espaço geográfico é uma tarefa tão árdua quanto definir a própria Geografia (Santos, 1986). Desta forma, segue-se a apresentação da (pós) moderna “nova” definição para este conceito, que desde a institucionalização da Geografia veio sendo amplamente discutido e ao longo das correntes do pensamento ora utilizado explicitamente, ora embutido em outros conceitos como região e paisagem, entre outros.

Atualmente o espaço geográfico, ou simplesmente espaço, entre tantas outras definições, pode ser definido como a organização das coisas na extensão. De acordo com as práticas sociais, expressa o modelo de vida dos grupos. É um conceito relativo, contingente à ação humana. Ao mesmo tempo em que reflete, condiciona e produz-reproduz as atividades sociais. Pode-se dizer que espaço e sociedade, nesse sentido, se fundem em uma unidade.

Grandes esforços direcionam-se para as análises espaciais. Os esforços vêm encaminhando a pesquisa científica ao domínio de novas técnicas de análise ou metodologias capazes de realizar o estudo do espaço. Surgem cada vez mais

estudos regionais de cunho ambientalista, adequados a uma apreensão geral dos problemas e articulados às múltiplas variáveis inerentes a uma dada configuração espacial/social (Ajara, 1993).

O espaço é uma produção humana, definindo-se a partir de condições físicas do meio e das relações sociais. Entretanto, o meio físico não condiciona a produção do espaço, mas permite o acesso às técnicas e tecnologias que veiculam sua produção. A base geográfica (meio físico) da vida social, como o mar, a montanha, os rios, é apreendida na análise ambiental em função dos resultados das relações sociais que se estabelecem sobre ela (Santos, 1996). Os resultados das relações sociais no ambiente, os impactos ambientais, estão intimamente relacionados com as técnicas e tecnologias utilizadas, isto é, com o processo de produção e reprodução social/espacial.

A inter e multidisciplinaridade, uma característica fundamental da Geografia, é uma das preocupações deste final de século. Pois a realidade apresenta-se como uma imensa multiplicidade de fenômenos, processos e estruturas, freqüentemente contraditórios, que ocorrem simultaneamente, ocupando o mesmo lugar sem se superpor (Soja, 1989). Assim, para se estudar o espaço geográfico, torna-se cada vez mais necessária sua decomposição e reconstrução; é necessário que se fragmente o espaço geográfico para que se possa compreendê-lo com mais clareza em sua unidade. É premente a superação das abordagens setorializadas, uma vez que estas, na maioria dos casos, dificultam ou mesmo não permitem a compreensão da problemática ambiental baseada nos processos e formas de organização do espaço. Tais abordagens tomadas isoladamente mascaram, não revelam os processos e formas de organização das sociedades sobre seus territórios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AJARA, César (1993). A abordagem Geográfica: Suas Possibilidades no Tratamento da Questão Ambiental. In.: MESQUITA, O. V. & SILVA, S. T. (Coords). **Geografia e Questão Ambiental**. Rio de Janeiro, IBGE, p.09/12.

CORRÊA, Roberto Lobato (1995). Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E., GOMES, P.C.C., & CORRÊA, R.L. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. P.15/48.

GOMES, Paulo César da Costa. Geografia Fin-De-Siècle: O Discurso sobre a Ordem espacial do Mundo e o Fim das Ilusões. In.: In.: CASTRO, I. E., GOMES, P.C.C., & CORRÊA, R.L. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

SANTOS, Milton (1996). **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo, Hucitec, p.308.

SOJA, Edward W. (1997). **Geografias Pós-Modernas e a reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica**. Rio de Janeiro, Zahar.

2- CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A QUESTÃO DA ESCALA GEOGRÁFICA EM DIFERENTES PERSPECTIVAS: O LOCAL, REGIONAL, NACIONAL E GLOBAL.

O pressuposto básico do mecanismo da Escala em geografia é de que se trata de uma medida de proporção entre o que está sendo representado de forma gráfica e o tamanho real do dado observado ou, conforme Almeida e Passini (1994, p.15) *uma representação codificada de um determinado espaço real*. Nesse sentido específico, o uso do mapa traduz-se um esforço do geógrafo de operacionalizar seu trabalho com o espaço, via representação da realidade 'capturada' na imagem do papel. Daí o uso da escala cartográfica enquanto medida dessa representação.

Se bem que essa dimensão da escala não seja, de forma alguma, desprovida de sentido e aplicação, seu uso não atende completamente às necessidades da análise dos fenômenos por parte da geografia. Esse raciocínio da escala enquanto medida de proporção de redução acaba por aprisionar a idéia de escala ao restringi-la a uma problemática puramente matemática. A escala enquanto *questão*, ou seja, enquanto problema (Castro: 1995), requer ampliar o entendimento da escala "*para além de uma medida de proporção da representação gráfica do território, ganhando novos contornos para expressar a representação dos diferentes modos de percepção e de concepção do real*" (Castro. Op. Cit., p.118).

Problematizar a escala para além de seu tradicional viés matemático, como sugere o trecho acima, significa dota-la de uma dimensão analítica diferente, no sentido de toma-la como epistemologia. Ou seja, como forma de apreensão/conhecimento da realidade, das relações de poder e o espaço, num contexto histórico e geográfico dado (Jones: 1998). Significa tratar a escala enquanto um “*artifício analítico que dá visibilidade ao real*” (Castro: 1995), ou seja, a construção de modelos espaciais capazes de dar sentido ao recorte do real que se quer estudar.

Trata-se, pois, de um convite aos geógrafos a levar adiante a proposta de Racine, Raffestin e Ruffy (1983) de “[...] descobrir uma escala das preocupações humanas que transcendem as preocupações técnicas daqueles que somente pelas variações das escalas geográficas em si mesmas”.(p.134)¹

Assim analisaremos o problema da escala de forma a discutir a importância e pertinência dos recortes local, regional, nacional e global à análise dos fenômenos geográficos. Na primeira parte do texto assinalamos algumas questões a respeito da escala no que concerne aos diferentes níveis de análise que a escala encerra. Na segunda, a perspectiva – e implicações – dos diversos recortes.

2.1- OS DIFERENTES NÍVEIS DE ANÁLISE

Yves Lacoste (1988) advertia para o fato de que os estudos geográficos, ao se referirem a realidades muito diferenciadas – que iam, por exemplo, da aldeia até as regiões polares – acabaram por escamotear um problema fundamental que é a necessidade de atentar para as diferenças não só quantitativas (relativas ao tamanho do que está sendo estudado) como também qualitativas (referentes aos

¹ O referido texto, a bem verdade, tem o mérito – dentre outros- de ser uma das primeiras contribuições ao entendimento da escala. Esse mérito se traduz também num limite, posto que o raciocínio levado a cabo pelos autores ao discutir a escala se baseou em “metáforas” constantes ao raciocínio matemático. Por exemplo: “Consideramos um conjunto R finito: $R(1; 2; \dots i \dots n)$. O Objetivo é construir uma representação de R [...]”. Tal limite é perfeitamente compreensível pelo caráter mesmo de esforço inicial de entendimento da questão.

diferentes níveis de análise que essas diferenças de escala encerravam). Em outras palavras, a mudança de escala, segundo Lacoste, representa uma mudança no próprio nível de conceituação. Dessa forma:

O que parece assegurado é que, para tudo aquilo que tem uma significância espacial, a natureza das observações que podem ser efetuadas, a problemática que pode ser estabelecida, os raciocínios que podem ser construídos são função do tamanho dos espaços considerados e dos critérios de sua seleção. (Lacoste, 1988, p.82).

Embora represente um avanço considerável para a problemática em questão, Lacoste não se desprende ainda da visão da escala enquanto um problema cartográfico por excelência (ao qual referimos na parte introdutória do texto). Da leitura de seu livro percebe-se que suas referências às escalas e aos diferentes níveis de análise estão irremediavelmente ligadas às dimensões da superfície da terra. As “sete ordens de grandeza” às quais se refere (p.89), são medidas em unidades métricas (de dezenas de milhares de quilômetros a metros).

É essa questão que Castro (1995) acentua ao dizer que o autor acaba por encarar a escala como uma medida de superfície, limitando o conceito à sua dimensão cartográfica. Por outro lado, ainda segundo essa autora, a idéia de níveis de análise remete a uma hierarquia que serve mais a complicação do que ao entendimento da problemática, posto que esse nível de análise – entendido como nível de conhecimento – pressupõe não ser possível essa “hierarquização” dos fenômenos, como se o primeiro nível de Lacoste fosse mais complexo do que o sétimo. Na realidade:

A escala é [...] a medida que confere visibilidade ao fenômeno. Ela não define, portanto o nível de análise, nem pode ser confundida com ele, estas são noções independentes conceitual e empiricamente. Em síntese, a escala sé é um problema epistemológico enquanto definidora de espaços de pertinência da medida dos fenômenos, porque enquanto medida de proporção ela é um problema matemático. (Castro, Op. Cit., p.123)

Nesse sentido, vale ressaltar, referir-se a mudanças de escalas geográficas significa a mudança mesmo do fenômeno que se pretende estudar e não tão somente a mudança do/no tamanho do fenômeno (Boudon, p.84). Em suma, a escala é uma medida utilizada com o objetivo de qualificar o real, tornar visível determinados aspectos que se quer adjetivar, posto que nem todos os problemas se manifestam numa determinada escala (Racine, Raffestin e Ruffy, 1983,p.126).

Como conseqüência, a delimitação de uma escala representa num processo de “esquecimento coerente”, conforme valiosa advertência de Racine et. Al. (op. cit.): recorrer à noção de escala significa selecionar, dentre uma miríade de informações, aquelas que nos interessam mais de perto com vistas à análise. Nesse sentido, a escala não deixa de ser um filtro “*que empobrece a realidade, mas que preserva aquilo que é pertinente em relação a uma dada intenção*”. (128).

Justamente nessa tentativa de filtrar o real que o “local”, “regional”, “nacional” e “global” configuram formas bem mais conhecidas de recortes espaciais utilizados na análise dos fenômenos geográficos. Não foi sem sentido que Castro, I.E., Gomes, P.C.C e Corrêa, R.L. (1996) no livro “Questões atuais da Reorganização do Território” utilizaram essa estruturação como forma de organização das diversas pesquisas apresentadas. Como as mesmas tratam de realidades de grande variedade (ou seja, do local ao planetário) e o território é o cerne das discussões, a divisão das partes de acordo com as escalas respondeu a um recurso metodológico útil, principalmente se levar em conta que os trabalhos reunidos no livro:

[...] constituem material empírico que permite refletir sobre algumas proposições úteis à compreensão da operacionalidade da escala dos fenômenos estudados. [...] Assim, o nível explicativo de uma escala não é transferível a outra; quando a escala muda o fenômeno muda; a escolha da escala define o que é significativo, ou o que terá visibilidade; não há hierarquia entre escala – cada escala incorpora um conjunto de causalidades específicas; a microescala não é menos complexa que a macroescala; a escala é uma estratégia de abordar o real. (p.9)

Tais proposições destacadas pelos autores no contexto da obra vão ao encontro daquilo que Santos (1996) qualificou de “escala de eventos”, compreendida tanto como *escala de origem* das variáveis envolvidas na produção do evento – a causa, as forças operantes – quanto na *escala do impacto* – o lugar da objetivação do evento. Na escala de origem, alerta Santos, devemos levar em conta o lugar (geográfico, econômico ou político) de onde atuam essas variáveis. É de acordo com esse lugar e com a força de seu emissor que a escala de origem ou operante terá maior ou menor capacidade de impacto.²

Portanto, quando da escolha consciente de um evento como sendo mundial, estar-se-á reconhecendo que sua área de abrangência, sua eficácia se fará sentir para além dos níveis nacional, regional e local, mas em diferentes pontos, em diferentes países. “É só nesse sentido que se pode falar em eventos mundiais, eventos nacionais, eventos regionais e eventos locais” (Santos, op. cit. p.122).

Nesse ponto o autor em pauta questiona se não seria possível falar numa **superposição de eventos** já que a escala de realização dos eventos não se dá isoladamente, verificamos que a ordem e a duração dos eventos não são os mesmos, eles se superpõe. E essa superposição não é somente isso, mas também uma combinação “pois a natureza da resultante é diversa da soma das partes constitutivas” (p.123). Logo, a escala do acontecer corresponde, nesse sentido, a noção de escala geográfica.

Eventos mundiais, eventos nacionais, eventos regionais e eventos locais estão, nessa linha de raciocínio aberta por Santos, superpostos e combinada e a cada nova combinação – a cada mudança de escala – o que se tem não é simplesmente a soma de eventos diferenciados, mas a mudança do próprio evento, logo, da escala.

² Por exemplo, um evento mundial se origina numa empresa multinacional, num banco transnacional, numa instituição supranacional. O Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional criam eventos mundiais. E nas respectivas dimensões territoriais, há eventos nacionais, regionais, locais

Pensamos ser importante inserir os apontamentos de um sociólogo que também se preocupou com a questão da escala e que, acreditamos, será útil ao enriquecimento dessa questão. ORTIZ (1996) desenvolve um raciocínio que procura evitar, segundo suas palavras, a tentação reducionista que tem marcado a discussão a respeito das espacialidades que caracterizam a realidade-mundo. Em outras palavras, “*o problema é entender como se articula esse emaranhado de forças, que habitamos chamar de nacionais, regionais e locais*³ [...]” no contexto da globalização das sociedades e mundialização da cultura. Assim, propões três possíveis concepções a esse respeito.

A primeira possibilidade seria pensar cada um desses patamares como unidades autônomas, partindo-se da premissa básica de que cada “*entidade espacial constituiria um elemento específico, cuja lógica exprime uma identidade*” (p.60). Embora preserve-se as identidades das partes, encerra a discussão em dualismos ou antíteses do tipo nacional/local, global/nacional, global/local. Pressupõem-se, portanto que haja não só limites claros separando cada um desses níveis como também a oposição ou inter-relações entre eles.

Uma segunda possibilidade seria encarar a questão como inclusão e não apenas como relação. Se fôssemos raciocinar graficamente, tratar-se-ia de círculos concêntricos sucessivos nos quais o “*global incluiria o nacional, que por sua vez inclui o local*”. Seria, portanto uma forma de encarar os níveis como subconjuntos complexos envolvendo outros conjuntos, num inconveniente lógico de se encarar o local e o nacional como inteira e obrigatoriamente incluídos no global.

Uma terceira alternativa seria considerar o global, o nacional e o local enquanto *processo*:

[...] Esse processo se instaura em nível mundial, mas não é necessariamente totalizador, a ponto de nele se incluir, como um megaconjunto, todos os pontos do planeta {...} nesse caso, teríamos de redefinir as mediações existentes entre os níveis que vínhamos tratando” (p.61)

³ Ortiz só se refere ao regional nesse momento. Em todo raciocínio desenvolvido, essa escala não aparece mais explicitamente. Isso, contudo não invalida o raciocínio que se quer desenvolver.

A sua proposta é de tratar o espaço enquanto um conjunto de planos transversais, ou seja, o espaço enquanto portador de processos sociais diferenciados no qual as diversas dimensões (local, nacional e global) são atravessadas por forças mútuas no contexto de uma situação determinada.

Finalizando, introduzimos na discussão o esforço de Cox (1998) em fornecer uma contribuição ao entendimento dessas interpretações entre diferentes níveis escalares, quando discute a questão a partir da política local. Isso por permitir perceber as implicações que o trabalho com escalas impõem ao geógrafo.

Enquanto construção social, a “política da escala” tem que se ver com o Estado em seus diversos níveis. É justamente nele que se dá o *locus* institucional central da política em suas diversas ramificações. Partindo desse pressuposto, o autor lança a hipótese de que a divisão hierárquicas tradicional – impostas pelas estruturas do Estado – devem ser vencidas pelos agentes sociais na tentativa de construir seus próprios espaços de engajamento e conseguir a autonomia necessária aos seus objetivos mútuos (Judd: 1998).

Em outras palavras, mesmo admitindo a importância das divisões de escala (nacional, regional/provincial, local), Cox (1998) questiona sua significância atual para a política de escala. Assim, as fronteiras impostas pelo Estado tendem a ser porosas e quando montadas como “espaços de dependência”⁴ que frustram suas habilidades em conseguir seus objetivos, os agentes políticos têm capacidade de construir redes de associação capazes de vencer esses limites. Assim, para exemplificar, trabalhadores podem estar localmente dependentes de um mercado de trabalho particular por diferentes razões (espaços de dependência), mas todos eles dividem interesses definidos por esse mercado (espaços de engajamento).

⁴ Os conceitos de “espaços de dependência” e “espaços de engajamento” são centrais na argumentação de Cox. O primeiro refere-se a “relações sociais mais ou menos localizadas sob as quais nós dependemos para a realização dos interesses essenciais para o nosso bem estar material e sentido de vivência. O segundo conceito diz respeito a uma escala “mais global que o espaço de dependência”, socialmente construída com o objetivo de se vencer os espaços de dependência.

O que nos interessa mais de perto na argumentação do autor – e, como se verá, nas críticas recebidas – é entender a importância das divisões de escala política e a atuação dos agentes locais. A crítica de Judd (1998) nos parece ser contundente a esse respeito posto que enfatiza que são as próprias estruturas construídas pelo Estado que são capazes de influenciar a direção que a luta política toma, já que é sob sua égide que são definidas a responsabilidade dos atores, a regra sob as quais são governados, suas agendas e recursos (Judd, 1998, p.30). Além do que, quando essas escalas são ausentes os agentes políticos encontrarão dificuldade – e algumas vezes a impossibilidade – de substituir as escalas não construídas pelo Estado. O exemplo disso pode ser encontrado no federalismo americano que torna extraordinário (“unusual”) uma política genuinamente nacional, especialmente no caso de políticas de bem-estar social, meio ambiente e regulação de negócios. Perde-se, portanto uma escala nacional de implementação. Em outras palavras, a ausência de escalas é tão importante quanto sua implementação (Judd, op.cit., p.30-32).

Um outro questionamento importante e igualmente útil ao entendimento da construção das escalas pode ser encontrada nas críticas que Smith (1998) desfere ao texto de Cox. O título do artigo de Smith já é significativo a esse respeito: “Procurando por Espaços Globais na Política Local”: diz que Cox falha ao apropriar-se do discurso da escala global nas suas articulações com a política local. Diz mesmo que ele mistura a escala global com outras escalas de análise e práticas sociais com as regionais e nacionais pelo uso repetitivo da expressão “more global” para designar todas as escalas e processos extra-locais.

Esse nível de discussão da escala enquanto ações políticas nos fazem pensar não só nas implicações da escala geográfica enquanto instrumento fundamental à análise dos fenômenos como também nos alerta para as especificidades e superposições possíveis. Ainda, nos fazem pensar a necessidade de análise dos processos numa perspectiva transescalar já que, como indaga Vainer (2001, p.146) “*haverá ainda hoje algum processo social relevante cuja compreensão e modificação seja possível através de uma análise ou intervenção uniescalar?*”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Rosângela D. de, PASSINI, Elza Y (1994). O Espaço Geográfico: Ensino e Representação. São Paulo, Contexto, p.15/25.
- BOUDON, P. (1991) L'échelle comme phénomène d'échelles. In: BOUDON, P. (org) De L'architecture à l'épistémologie. Le problème de l'échelle. Paris, PUF, p.68/97.
- CASTRO, Iná Elias (1995). O problema da Escala. In: CASTRO, E. E., et.al. (org) Geografia: Conceitos e Temas, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, p.117/140.
- _____ GOMES, P. C. C. e CORRÊA, R. L. (1996) Brasil: Questões Atuais da Reorganização do Território. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, p.07/12.
- COX, Kevin R. (1998) Spaces of Dependence, Spaces of Engagement and the Politics of Scale, or: Looking for Local Politics. Political Geography, vol. 17, nº 1, p.1/23.
- JONES, Katherine T. (1998) Scale as epistemology. Political Geography, vol 17, nº 1, p.25/28.
- JUDD, Dennis R. The case of the missing scales: a comentary on Cox. Political Geography, vol. 17 nº 1, p.29/34.
- LACOSTE, Yves (1988) A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazes a guerra. Campinas, Papirus, p. 73/94 e 223/235.
- ORTIZ, Renato (1996) Um outro território: Ensaio sobre a Mundialização. São Paulo, Olho d' água, p.49/69.
- RACINE, J., RAFFESTIN, C., RUFFY, V (1983). Escala e Ação: contribuições para uma interpretação do mecanismo da escala na prática da Geografia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 45 (1), p.123/135.
- SANTOS, Milton (1995) A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo, Hucitec, p.118/124.
- SMITH, Michael Peter (1998). Looking for the Global Spaces in Local Politics. Political Geography, vol.17, nº1, p.35/40.
- VAINER, Carlos Bernardo. As Escalas do Poder e o Poder das Escalas; o que pode o Poder Local? Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro, 28 de maio a 01 de junho de 2001, p. 140/151.

3- JUSTIFICATIVA DO CURSO

A proposta do curso de formação de professores para a área de Ciências Humanas, mais especificamente em Geografia, toma como referencial: (a) o entendimento de que o estudo da Ciência deve refletir sua natureza dinâmica, articulada, histórica e acima de tudo não-neutra; (b) as novas exigências do mundo de hoje decorrentes dos avanços das Ciências e das Tecnologias; (c) os aspectos legais; (d) os Parâmetros Curriculares, numa perspectiva de construir referenciais nacionais comuns sem, contudo, deixar de reconhecer a necessidade de se respeitar às diversidades regionais, políticas e culturais existentes; (e) a dimensão da transversalidade dos saberes que envolvem a área de Ciências Humanas, marca do ideário pedagógico contemporâneo.

As alterações que estão ocorrendo na educação brasileira apontam para uma estruturação curricular flexível e focada não apenas nos conteúdos, mas também no desenvolvimento de competências e habilidades que permitam aos educandos, numa perspectiva crítica, buscarem alternativas que lhes possibilitem tanto se manterem inseridos no sistema produtivo que se encontra em constante reestruturação frente aos avanços tecnológicos acelerados principalmente nas últimas décadas, como também que lhes oportunizem ultrapassar a crise da atualidade com autonomia e espírito investigativo.

A implantação e a implementação de tais propostas têm como obstáculo maior a ser enfrentado a formação de profissionais da educação, em especial a de professores que já atuam ou se propõem a atuar na Educação Básica, tendo em vista que essas propostas estão a exigir uma nova postura frente às questões não só didático-pedagógicas, como também às questões relacionadas à leitura de mundo, isto é à leitura das relações dos homens entre si, com ele mesmo e com a natureza em virtude de estarem no e com o mundo.

As Diretrizes curriculares para formação de professores da educação básica em cursos de nível superior reforça tal posicionamento ao destacar a relevância da

reversão do quadro da educação brasileira, com a ruptura do círculo vicioso "inadequação da formação do professor-inadequação da formação do aluno..."⁵ requerendo cursos de formação que supram não só as deficiências resultantes do distanciamento entre o processo de formação docente e sua atuação profissional, mas também a necessidade de preparar um professor afinado com práticas educativas centradas na construção de competências e habilidades no aluno, de forma integrada, articulada e não fragmentada, sem contudo banalizar a importância do domínio dos conteúdos que deverão ser desenvolvidos quando da transposição didática contextualizada e integrada ao ensino, à pesquisa e à extensão. Destaca, ainda, que a dificuldade reside no fato de que "ninguém promove o desenvolvimento daquilo que não teve oportunidade de construir em si mesmo. Ninguém promove a aprendizagem de conteúdos que não domina, nem a construção de significados que não possui, ou a autonomia que não teve a oportunidade de construir"⁶. As *Diretrizes* colocam como uma questão-chave o redirecionamento do enfoque disciplinar dos cursos de formação, de modo a prover ao cursista competências e habilidades que o possibilitem trabalhar inter e transdisciplinarmente.

Notadamente na área de *Ciências Humanas e suas Tecnologias*, a concepção do aprendizado científico-tecnológico proposto pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* é, em seu próprio modo de perceber, "ambiciosa e diferente do praticado na maioria das escolas", envolvendo articulação de saberes disciplinares a serem tratados de forma integradora.

Neste contexto, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – IF Fluminense Campos ao elaborar a proposta do Curso de Licenciatura em Geografia, busca, baseada na transversalidade dos saberes, estabelecer uma estruturação curricular em núcleos. Os núcleos são articulados através de procedimentos didático-metodológicos que oportunizam ao cursista vivenciar situações de aprendizagem cujas transposições didáticas podem ser

⁵ BRASIL.Ministério da Educação. Proposta de diretrizes para formação inicial de professores da educação básica em cursos de nível superior.maio, 2000, p. 25.

⁶ BRASIL.Ministério da Educação. Proposta de diretrizes para formação inicial de professores da educação básica em cursos de nível superior.maio, 2000, p.38.

efetivadas, quando de sua atuação profissional na Educação Básica (Ensino Médio e quatro últimas séries do Ensino Fundamental), de maneira que oportunizem aos seus alunos a compreensão de que os modelos da Ciência são construções da mente humana que procuram "manter a realidade observada como critério de legitimação" e que a produção científico-tecnológica está a serviço da estrutura social que lhe dá suporte, estrutura essa que necessita revisar suas concepções analíticas, considerar o importante papel das interações existentes em sistemas complexos e propor modelos alternativos, que melhor representando o todo possa senão resolver pelo menos minimizar os dilemas da atualidade resultantes da visão de mundo decartiana-newtoniana.

Dentro desta perspectiva, o *Projeto pedagógico do curso* prevê o desenvolvimento de projetos que, além de dinamizarem a relação ensino-aprendizagem, promovem a autonomia e a contextualização dos diversos saberes ao possibilitar a interação dos conhecimentos imprescindíveis à formação docente (conhecimentos específicos da área da formação e conhecimentos pedagógicos).

Cabe ressaltar a caracterização singular dos Centros Federais de Educação Tecnológica que por oferecerem Cursos na Formação Profissional em níveis de Qualificação Básica, Técnico e Tecnológico apresentam uma infraestrutura de laboratórios e ambientes de aprendizagem favorável à contextualização da Ciência e da Tecnologia, além de apresentarem um corpo docente cuja atuação pauta-se no domínio da teoria em estreita associação com atividades práticas, o que sem dúvida representa um contexto de aprendizagem dinâmico, apropriado, motivador às ações teórico-práticas que, por sua vez, estimulam e favorecem a pesquisa.

Do ponto de vista regional e na perspectiva do desenvolvimento, o município de Campos dos Goytacazes/RJ vem se consolidando como um eixo universitário, atraindo estudantes tanto de cidades circunvizinhas como também de outros Estados que buscam formação profissional em áreas consideradas prioritárias, e, a Licenciatura em Geografia está inserida neste contexto, já que a demanda por profissionais nestes campos de saber é significativamente representativa, seja em

nível de entidades privadas ou públicas. Embora tenhamos hoje no município 13 Instituições de Ensino Superior (Universidades, Centro Universitário e Faculdades isoladas) somente o IF Fluminense Campus Campos-Centro, dentre as instituições públicas, e uma instituição privada oferecem curso de Licenciatura em Geografia.

Esse novo papel assumido por nossa Instituição responde a uma necessidade maior do que a legal (ou seja, a demanda regional supera em muito a disposição legal). São em média 40 municípios que ministram, tanto na rede pública quanto privada, o ensino fundamental e médio sem professores licenciados em Geografia estando, portanto, a quase totalidade deles desempenhando um papel para o qual não estão habilitados. Isto não significa, porém, que não estão desempenhando com qualidade, mas que tal desempenho deve-se a um enorme esforço pessoal de cada um desses professores.

O IF Fluminense, como Instituição Pública que tem funcionado como centro de referência da região, não pode furtar-se a ocupar essa lacuna, atuando como formador de professores e contribuindo não só para o crescimento destes profissionais, como também para a melhoria do nível e qualidade do Ensino Fundamental e Médio da região.

Importante destacar ainda, que a presente proposta não constitui algo definitivamente acabado ou imutável. Temos consciência de que não avançamos o suficiente na perspectiva da resolução dos problemas que envolvem a formação do professor no Brasil, que não são novos nem poucos, mas iniciamos pelos espaços possíveis. Além do mais, temos clareza de que um curso de formação de professores não esgota toda a formação deste profissional, pois, refere-se a uma etapa inicial de sua formação permanente. Trata-se, portanto, de uma proposta em processo de construção, baseada em pressupostos político-pedagógicos, dentre eles:

- o comprometimento com a escola básica e pública e conseqüentemente pautada no princípio da inclusão;

- o reconhecimento de que a realidade social deve ser tomada como ponto de partida e o fator de cidadania como pano de fundo das ações educativas;
- a compreensão de que a figura central de todo e qualquer processo educativo é o ser humano com suas coerências e incoerências;
- a necessidade, na formação do profissional, da assunção de forma crítica, criativa e construtiva da prática educativa no interior e no exterior do ambiente escolar;
- o desenvolvimento do trabalho educativo através de saberes não-fragmentados a partir da compreensão de que os saberes disciplinares sendo recortes de uma mesma área guardam correlações entre si, assim como as áreas devem articular-se umas às outras;
- o entendimento de que o magistério, considerado como base imprescindível à formação docente, deve incluir a necessidade do professor vir a ser pesquisador de sua própria prática pedagógica;
- a compreensão do processo de produção de conhecimento e da provisoriedade das verdades científicas;
- a elaboração de um currículo flexível possibilitando o diálogo com diferentes campos de conhecimentos e conseqüentemente permeável às atualizações, às discussões contemporâneas, contemplando as diferenças;
- a superação entre o saber e o fazer pedagógico, daí o processo pedagógico ser encarado como uma totalidade na qual ocorre a articulação de diferentes áreas do saber exigindo na formação docente uma sólida base humanística, científica e tecnológica articulada com a ação pedagógica através de um processo dinâmico de apropriação e produção do conhecimento;

- a busca da coerência entre o que se faz na formação com o que se espera do cursista como profissional, a partir do entendimento de que o futuro professor aprende a profissão no lugar em que vai atuar;
- o desenvolvimento da postura de compartilhar saberes através da formação de uma rede de significados que se faz pelo trabalho articulado dos eixos temáticos em suas diferentes dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal;
- o caráter permanente e sistemático do processo de avaliação.

4. LEGISLAÇÃO DE APOIO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – IF Fluminense fundamentado

- em dispositivos da Lei nº 9394 de 16/12/96 (*Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira -LDB*);
- no Decreto nº 2406, art. VI de 27/11/97;
- na *Proposta de diretrizes para formação inicial de professores da educação básica em cursos de nível superior/MEC*, de 05/ 2000,

oferece a partir do segundo semestre do ano 2001 o Curso de Licenciatura em Geografia visando à formação de docentes em nível superior para atuarem na Educação Básica - de 5ª série a 8ª série do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A proposta inicial do Curso sofre alterações principalmente no que diz respeito à concepção de Prática Profissional da Estrutura Curricular até então denominada Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, a partir da Resolução CNE/CP 2, de 19/02/2002, publicada no D.O.U., Brasília, em 04.03.2002, seção 1, p. 9, além

- do Decreto 3462 de 17 de maio de 2000;
- do Parecer CNE/CES nº492, de 3 de abril de 2001;

- do Parecer CNE/CES nº 1363, de 12 de dezembro de 2001.
- da Resolução CNE/CES nº 13, aprovada em 13 de março de 2002 (*Estabelece diretrizes curriculares para os Curso de Geografia*).

5- PERFIL DO EGRESSO

O graduado da Licenciatura em Geografia irá dispor de uma sólida formação no âmbito da Geografia, além do conhecimento e prática referente às atividades de docência. Desta forma, destacam-se dois perfis de egresso complementares para este curso:

- 1- **Perfil Comum aos Graduados:** Atuação Ética, crítica, autônoma e criativa; autonomia intelectual; respeito à pluralidade inerente aos ambientes profissionais e à própria sociedade como um todo; atuação propositiva na busca de soluções de questões colocadas pela sociedade;
- 2- **Perfil Específico da Licenciatura em Geografia:** compreensão dos elementos e processos concernentes ao meio natural e ao construído com base nos fundamentos filosóficos, teóricos e metodológicos da Geografia e a aplicação desse conhecimento na busca do desenvolvimento social; domínio e permanente aprimoramento das abordagens científicas pertinentes ao processo de produção e aplicação do conhecimento geográfico.

6- COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO PROFISSIONAL

6.1- Dimensão de competências comuns à formação do professor

O processo de formação do professor no decorrer do Curso de Licenciatura em Geografia, em seus diferentes momentos, deve propiciar aos alunos oportunidades de vivenciarem situações de aprendizagem que os possibilitem a desenvolver competências que lhes permitam:

- compreender o processo de construção do conhecimento bem como do significado das Ciências para a sociedade, enquanto atividade humana, histórica, associada a aspectos de ordem social, econômica, política e cultural;
- estabelecer diálogo entre a área educacional, a área de ciências humanas e as demais áreas do conhecimento objetivando a articulação do processo de vivências de situações de aprendizagem na produção do conhecimento e na prática educativa;
- apresentar domínio teórico-prático inter e transdisciplinar na perspectiva de acompanhar criticamente as mudanças que vêm ocorrendo, principalmente a partir das últimas décadas do século XX alterando de forma significativa, a realidade geo-social;
- dominar os saberes da área de ciências humanas e da área educacional relacionando-os às áreas correlatas para conhecer, analisar, selecionar e aplicar novas tecnologias em atendimento à dinâmica do mundo contemporâneo tendo sempre presente a reflexão acerca dos riscos e benefícios das práticas científico-tecnológicas;
- ter autonomia para atualização, (re)construção, divulgação e aprofundamento contínuo de seus conhecimentos (científico, tecnológico e humanístico);
- fazer a leitura do mundo, questionar a realidade na qual vive, sistematizar problemas, construir conhecimentos necessários às problematizações e buscar criativamente soluções;
- comprometer-se com a ética profissional voltada à organização democrática da vida em sociedade;
- valorizar a construção coletiva do conhecimento, organizando, coordenando e participando de equipes multiprofissionais e multidisciplinares;

- compreender-se enquanto profissional da educação consciente de seu papel na formação do cidadão e da necessidade de se tornar agente interferidor na realidade em que atua;
- dialogar com a comunidade visando à inserção de sua prática educativa desenvolvida no contexto social regional, em ações voltadas à promoção do desenvolvimento sustentável;
- desenvolver trabalho educativo centrado em situações-problema significativas, adequadas ao nível e às possibilidades dos alunos, analisando-as a partir de abordagens teóricas que buscam a interação dos diversos campos do saber, na perspectiva de superá-las;
- desenvolver procedimentos metodológicos adequados à utilização de tecnologias aplicadas ao processo de construção de conhecimento e de ambientes de aprendizagem;
- compreender o processo de aprendizagem, considerando as relações intra e interinstitucionais;
- desenvolver metodologias adequadas à utilização das tecnologias de informação e comunicação nas práticas educativas, integrando o conhecimento científico, tecnológico e humanístico ao processo de aprendizagem;
- elaborar, analisar e utilizar diferentes procedimentos de avaliação do processo de aprendizagem, tendo em vista a superação da ênfase na abordagem meramente informativa/conteudista;
- reconhecer a importância da adoção de procedimentos contínuos e sistemáticos de avaliação na perspectiva de acompanhar a aprendizagem do aluno.

6.2- Dimensão de competências específicas ao licenciado em Geografia

O Licenciado em Geografia, além das competências comuns mencionadas anteriormente, deve apresentar ampla e sólida formação com fundamentação teórico-prática suficiente para exercer sua atividade de forma crítica e ética pautando-se em critérios humanísticos, científicos e legais. Para isto torna-se necessário que o mesmo no que se refere às **Competências**:

- domine o corpo conceitual e metodológico fundamental da Geografia tais como paisagem, lugar, espaço, território, escalas, redes, meio técnico, etc;
- conheça a trajetória histórica da Ciência Geográfica em suas diversas vertentes, mantendo permanente diálogo com os debates contemporâneos;
- proceda à análise crítica do espaço geográfico nas suas várias dimensões (econômica, social, cultural, política, física, ecológica) e escalas (global, supranacional, regional, local);
- a partir dos instrumentos conceituais e metodológicos da Geografia, proceda a uma leitura das formas de organização do espaço geográfico (independentemente de se tratarem de fenômenos físicos ou sociais);
- reconheça a pluralidade de fenômenos geográficos em suas diversas escalas, analisando as lógicas e contradições que as engendram;
- articular elementos empíricos e conceituais concernentes ao conhecimento científico dos processos espaciais realizando a necessária “transposição didática” entre essa base conceitual e empírica e o Ensino Fundamental e Médio.

6.3- No que tange às Habilidades:

- ler, interpretar, processar e analisar meios de representação gráficas do espaço, entendendo-as como elementos de objetivação dos fatos e dos fenômenos geográficos;
- saber utilizar-se das escalas cartográfica e geográfica como formas de representação do espaço e como recurso analítico, respectivamente;
- aplicar os conhecimentos técnicos e conceituais na análise do livro didático de Geografia;
- incorporar as diversas tecnologias enquanto práticas do saber e do ofício do professor;
- acompanhar e incorporar criticamente as rápidas transformações que se processam no mundo contemporâneo de forma a decodificá-las na sua prática pedagógica;
- planejar e realizar atividades de campo referente à investigação geográfica;
- dominar a língua portuguesa na sua forma culta bem como ser capaz de proceder a leitura num idioma estrangeiro;
- trabalhar de forma integrada e contributiva em equipes multidisciplinares com o objetivo de avaliar e propor projetos pedagógicos.

7- FORMAS DE ACESSO AO CURSO

O acesso ao curso dar-se-á em conformidade com a Constituição Federal, com LDB, com o Parecer nº. 95/98, com os Decretos nº. 5.224/2004 e 5.773/2006 e também com a lei nº. 11.892 de 29 de dezembro de 2008 que criou

os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, ou seja, mediante processo seletivo de igualdades de oportunidades para acesso e permanência da instituição; equidade; conclusão do ensino médio ou equivalente e processo seletivo de capacidades.

O acesso ao curso dar-se-á semestralmente, através de processo seletivo de caráter classificatório e eliminatório – Concurso Vestibular e também pelos seguintes mecanismos:

- mediante processo seletivo em consonância com os dispositivos legais em vigência e edital que regulamenta nas normas do concurso;
- mediante o Programa Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica, PARFOR;
- mediante processo seletivo do Sistema de Seleção Unificada(SISU);
- por transferência externa, conforme normas estabelecidas em edital próprio,
- por transferência interna desde que o candidato esteja matriculado em curso de mesma área oferecido em outro campus do IF Fluminense(processo regulado por edital específico)
- por portadores de diplomas. O ingresso será concedido desde que haja vagas e mediante critérios estabelecidos em Edital próprio para este fim.

8- ESTRUTURA DO CURSO.

As disciplinas obrigatórias do curso estão inseridas em cinco núcleos ou eixos. A seguir, uma exposição sumária dos mesmos:

- a) **Núcleo Pedagógico:** Disciplinas mais diretamente ligadas à formação do professor em geral e do professor de geografia em particular. Objetiva fornecer sólido embasamento teórico e filosófico sobre a Educação e do papel do educador. Envolve ainda a prática pedagógica e o Estágio Supervisionado.

- b) **Núcleo Instrumental:** São aquelas disciplinas que fornecem ao discente um corpo tecnológico e instrumental necessários ao ofício do professor de geografia. Possibilitam ainda certas competências gerais úteis à aprendizagem/qualificação e ao exercício profissional.
- c) **Núcleo de Geografia Física:** Correspondem às disciplinas básicas da parte física da geografia. Revelam uma tentativa de tratar esse conjunto de conhecimentos de forma o mais generalista possível, ainda que dando uma sólida base no estudo da terra, dos solos dos climas, das águas e ecossistemas. Visa, em última análise, fornecer aqueles saberes da geografia física necessários ao exercício pleno do ofício de professor.
- d) **Núcleo de Geografia Humana:** É onde mais nitidamente se aplica o princípio da escala de análise da origem do fenômeno já que se trata de disciplinas que organizadas de forma a cobrir as diversas escalas: do global ao local, passando pelo nacional e regional além do supranacional e continental. Busca organizar disciplinas tradicionais dando-lhes uma roupagem nova posto que tratadas de forma concatenadas e formando um todo. Propõe ainda novas abordagens disciplinares como resposta às transformações que vão se processando no mundo e no Brasil.
- e) **Núcleo de Ciências Sociais e Humanas:** Formam um conjunto de disciplinas que, embora não estejam diretamente ligadas à geografia, são de vital importância para a formação profissional do docente em geral e do docente de geografia em particular. Este núcleo procura fornecer um arcabouço teórico oriundo das Ciências Sociais e Humanas a fim de permitir uma leitura interdisciplinar do espaço geográfico em suas várias dimensões (econômico, social, político e cultural).

A licenciatura em Geografia do IF Fluminense está estruturada em oito períodos ou semestre. De acordo com a legislação vigente (Parecer 28/2001 e Resolução 2/2002), cada semestre corresponderá a 20 (vinte) semanas efetivas de

aula por disciplina. A carga-horária semestral variará de acordo com a grade (neste documento), sendo que a carga horária total, ao final dos quatro anos letivos do curso, será de 4.200 horas/aula semanais, compreendendo:

NÚCLEO	CARGA-HORÁRIA (Hora/aula)
Geografia Física	440
Ciências Sociais e Humanas	380
Geografia Humana	1.400
Instrumental	120
Pedagógico	380
Prática de Ensino	400
Estágio Supervisionado	400
Atividades Culturais	200

9- DA DISPOSIÇÃO DA MATRIZ CURRICULAR

Os dois *quadros* seguintes resumem a disposição das disciplinas ao longo dos oito períodos. No primeiro, mais detalhado, há a preocupação em se enfatizar os eixos a que pertencem cada disciplina bem como suas respectivas cargas-horárias (além do somatório geral ao final de cada período bem como ao final do curso). O segundo quadro tem a mesma função, contudo elaborado de forma a permitir uma visualização da grade que forma o curso:

PROJETO PEDAGÓGICO PARA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA **MATRIZ CURRICULAR III – A partir de 2007/2**

Períodos/Núcleos		Eixos Temáticos/Disciplinas	Carga horária (h/a)
I Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> História e Teoria do Pensamento Geográfico 	60
	Núcleo de Ciências Sociais e Humanas	<ul style="list-style-type: none"> Ciência Política 	60
		<ul style="list-style-type: none"> História Contemporânea 	80
	Núcleo Instrumental	<ul style="list-style-type: none"> Português Instrumental 	40
		<ul style="list-style-type: none"> Filosofia 	40
		<ul style="list-style-type: none"> Cartografia 	80
Núcleo Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> Contexto Social: Educação Trabalho e Tecnologias 	60	
	<ul style="list-style-type: none"> Prática Pedagógica I Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 	60 -	
Sub total			480
II Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> Geografia do Mundo Contemporâneo 	80
		<ul style="list-style-type: none"> Teoria do Pensamento Geográfico 	60
	Núcleo de Ciências Sociais e Humanas	<ul style="list-style-type: none"> Sociologia 	60
<ul style="list-style-type: none"> Economia Política 		60	
Núcleo de Geografia Física	<ul style="list-style-type: none"> Geologia 	80	

	Núcleo Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> Contexto Social: Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem 	60
	<ul style="list-style-type: none"> Prática Pedagógica II Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 		60 -
	Sub total		460
III Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> Processos da Mundialização 	80
		<ul style="list-style-type: none"> Geopolítica e Conflitos do Mundo Contemporâneo 	80
	Núcleo de Ciências Sociais e Humanas	<ul style="list-style-type: none"> Antropologia 	60
	Núcleo de Geografia Física	<ul style="list-style-type: none"> Hidrogeografia 	60
	Núcleo Instrumental	<ul style="list-style-type: none"> Estatística 	40
	Núcleo Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> Educação no Brasil numa leitura Sócio-Política 	40
		<ul style="list-style-type: none"> Contexto da Instituição Escolar: produção e gestão do conhecimento 	40
<ul style="list-style-type: none"> Prática Pedagógica III Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 		60 -	
Sub total		460	
IV Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> Geografia da América Latina 	80
		<ul style="list-style-type: none"> Geografia Urbana 	60
	Núcleo de Geografia Física	<ul style="list-style-type: none"> Geomorfologia 	80
		<ul style="list-style-type: none"> Climatologia 	80
	Núcleo Instrumental	<ul style="list-style-type: none"> Geoprocessamento 	80
	Núcleo Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> Contexto da Instituição Escolar: organização e gestão pedagógica da escola 	60
<ul style="list-style-type: none"> Prática Pedagógica IV Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 		60 -	
Sub total		500	
V Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> Dinâmica da População Mundial 	60
		<ul style="list-style-type: none"> Espaço Agrário Mundial 	80
<ul style="list-style-type: none"> Urbanização Mundial e do Brasil 		80	
Núcleo de Ciências Sociais e Humanas	<ul style="list-style-type: none"> Tópicos de História do Brasil 	80	

	Núcleo de Geografia Física	<ul style="list-style-type: none"> • Biogeografia 	60
	Núcleo Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> • Contexto da aula: organização e gestão de ambientes de aprendizagem de Geografia I 	60
	<ul style="list-style-type: none"> • Prática Pedagógica V • Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 		60 -
	Sub total		480
VI Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> • Dinâmica da População Brasileira • Espaço Agrário Brasileiro • Tecnologia e Espaço • Estudos Afro-Asiáticos 	60 80 60 60
	Núcleo de Geografia Física	<ul style="list-style-type: none"> • Geografia Física do Brasil 	80
	Núcleo Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> • Contexto da Aula: organização e gestão de ambientes de aprendizagem de Geografia II 	60
	<ul style="list-style-type: none"> • Prática Pedagógica VI • Monografia I • Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 		60 40 -
	Sub total		500
	VII Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> • Modernização Tecnológica do Espaço Brasileiro: redes de comunicação, serviços e transportes
<ul style="list-style-type: none"> • Geografia e Meio Ambiente 			80
<ul style="list-style-type: none"> • Geografia Regional Brasileira 			80
Núcleo Instrumental		<ul style="list-style-type: none"> • Libras 	40
<ul style="list-style-type: none"> • Prática Pedagógica VII • Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 			60 -
Monografia		40	
Sub total		340	
VIII	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> • Gestão do Território e Organização Interna das Cidades 	80
		<ul style="list-style-type: none"> • Geografia Regional do Rio de Janeiro 	80

Período	<ul style="list-style-type: none"> • Prática Pedagógica VIII • Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 	60
	Monografia II	40
	Sub total	260
ESTÁGIO SUPERVISIONADO		480
ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS		240
CARGA HORÁRIA TOTAL		4.200

PROJETO PEDAGÓGICO PARA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
MATRIZ CURRICULAR – até 2007/1

Períodos/Núcleos	Eixos Temáticos/ Disciplinas	Carga horária (h/a)	
I Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> • História e Teoria do Pensamento Geográfico 	80
	Núcleo de Ciências Sociais e Humanas	• Ciência Política	60
		• História Contemporânea	80
	Núcleo Instrumental	• Português Instrumental	40
	Núcleo de Geografia Física	• Geologia	80
	Núcleo Pedagógico	• Contexto Social: Educação Trabalho e Tecnologias	60
	<ul style="list-style-type: none"> • Prática Pedagógica I • Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 		60 -
Sub total		460	
II Período	Núcleo de Geografia Humana	• Geografia do Mundo Contemporâneo	80
		• Geopolítica e Conflitos do Mundo Contemporâneo	80
		• Geografia e Meio Ambiente	60
	Núcleo de Ciências Sociais e Humanas	• Sociologia	60
Núcleo de Geografia Física	• Geomorfologia	80	

	Núcleo Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> Contexto Social: Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem 	60
	<ul style="list-style-type: none"> Prática Pedagógica II Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 		60 -
	Sub total		480
III Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> Processos da Mundialização 	80
	Núcleo de Ciências Sociais e Humanas	<ul style="list-style-type: none"> Antropologia 	60
		<ul style="list-style-type: none"> Economia Política 	60
	Núcleo de Geografia Física	<ul style="list-style-type: none"> Climatologia 	80
	Núcleo Instrumental	<ul style="list-style-type: none"> Cartografia 	80
	Núcleo Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> Educação no Brasil numa leitura Sócio-Política 	40
		<ul style="list-style-type: none"> Contexto da Instituição Escolar: produção e gestão do conhecimento 	40
<ul style="list-style-type: none"> Prática Pedagógica III Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 		60 -	
Sub total		500	
IV Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> Urbanização Mundial 	60
		<ul style="list-style-type: none"> Geografia da América Latina 	80
		<ul style="list-style-type: none"> Redes Ilegais da Globalização 	60
	Núcleo de Geografia Física	<ul style="list-style-type: none"> Hidrogeografia 	60
	Núcleo Instrumental	<ul style="list-style-type: none"> Estatística 	40
	Núcleo Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> Contexto da Instituição Escolar: organização e gestão pedagógica da escola 	60
<ul style="list-style-type: none"> Prática Pedagógica IV Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 		60 -	
Sub total		420	
V Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> Dinâmica da População Mundial 	60
		<ul style="list-style-type: none"> Espaço Agrário Mundial 	80
<ul style="list-style-type: none"> Tecnologia e Espaço 		60	
Núcleo de Geografia Física	<ul style="list-style-type: none"> Biogeografia 	60	

	Núcleo Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> Contexto da aula: organização e gestão de ambientes de aprendizagem de Geografia I 	40
	<ul style="list-style-type: none"> Prática Pedagógica V Estágio Curricular Supervisionado Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 		60 120 -
	Sub total		500
VI Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> Dinâmica da População Brasileira Espaço Agrário Brasileiro Modernização Tecnológica do Espaço Brasileiro: energia e indústria 	60 80 60
	Núcleo de Geografia Física	<ul style="list-style-type: none"> Geografia Física do Brasil 	80
	Núcleo Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> Contexto da Aula: organização e gestão de ambientes de aprendizagem de Geografia II 	60
	<ul style="list-style-type: none"> Prática Pedagógica VI Estágio Curricular Supervisionado Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 		60 120 -
	Sub total		520
	VII Período	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> Modernização Tecnológica do Espaço Brasileiro: redes de comunicação, serviços e transportes
<ul style="list-style-type: none"> Urbanização Brasileira 			60
<ul style="list-style-type: none"> Dinâmica Regional Brasileira 			80
Núcleo de Ciências Sociais e Humanas		<ul style="list-style-type: none"> Tópicos de História do Brasil 	60
<ul style="list-style-type: none"> Prática Pedagógica VII Estágio Curricular Supervisionado Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 			60 120 -
Monografia		40	
Sub total		480	
	Núcleo de Geografia Humana	<ul style="list-style-type: none"> Organização Interna das Cidades 	60
		<ul style="list-style-type: none"> Gestão do Território 	80

VIII Período	• Geografia do Estado do Rio de Janeiro	60
	• Prática Pedagógica VIII	60
	• Estágio Curricular Supervisionado	120
	• Atividades Acadêmico-Científico-Culturais	240
	Monografia	40
Sub total		420
ESTÁGIO SUPERVISIONADO		480
ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS		240
CARGA HORÁRIA TOTAL		4.020

10- PRÁTICA PROFISSIONAL

A Prática Profissional composta pela “Prática Pedagógica”, “Estágio Curricular Supervisionado”⁷ e “Atividades Acadêmico-científico-culturais”⁸, componentes curriculares que perpassam os períodos do Curso de Licenciatura, constitui-se no conjunto das práxis vivenciadas pelos cursistas oportunizadas pelas situações de aprendizagens construídas especificamente para este fim. A Prática Profissional, portanto, está relacionada ao pensar e ao fazer da ação docente.

Nesta proposta, estamos cientes de que vamos nos distanciando da concepção, considerada verdadeira em outras épocas, de que a prática representaria o saber-fazer, ou o simples laboral. Longe de constituir-se num receituário de fórmulas, a proposta que formulamos caracteriza-se mais especificamente como a oportunidade de leitura e análise da realidade atual na perspectiva do ousar a construção do novo, o que, em alguns aspectos nos obriga à adoção de procedimentos de desconstrução da estrutura existente, fechada em seus engessados conceitos, de modo que o universo da ação escolar possa ser de fato, *locus* em que as diversas culturas interajam e onde se estabeleçam redes de conhecimento. E tudo isto só se efetiva com a adoção de metodologias diferenciadas e, efetivamente, na mudança do perfil de educador.

Nesta perspectiva é que apresentamos os primeiros traçados do trabalho a ser desenvolvido, ou seja, as Diretrizes Gerais da Prática Profissional (Prática

⁷ O Componente Estágio Curricular Supervisionado é entendido como “o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática de mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. (...) supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário.” (Parecer CNE/CP 28/2001)

⁸ “Atividades Acadêmico-científico-culturais” constitui um componente curricular da formação docente onde são desenvolvidas “atividades de caráter científico, cultural e acadêmico articulando-se com e enriquecendo o processo formativo do professor como um todo”. (Parecer CNE/CP 28/2001). As atividades, tendo como foco a perspectiva da educação permanente, dinâmica e em movimento, devem estar atentas às novas produções científico-culturais demandadas pelas necessidades oriundas da realidade social, distribuídas no decorrer de todo curso, de acordo com a Resolução CNE/CP 2, de 19/02/2002, publicada no D. O.U., Brasília, em 04.03.2002, seção 1, p.9.

Pedagógica, Estágio Curricular Supervisionado e Atividades acadêmico-científico-culturais), bem como os pressupostos teóricos que lhe dão suporte.

10.1. REFERENCIAL TEÓRICO

Se entendermos o momento histórico por que passamos e conseqüentemente as mudanças que se impõem ao profissional em todas as esferas de atuação humana, estabelecer novos e enriquecedores vínculos na ação educativa faz-se hoje exigência *sine qua non* para o fazer pedagógico, no sentido de seu enriquecimento ou de sua completude. Encontra-se aí um dos grandes desafios a que nos dispomos perseguir.

Assinalamos ainda que, intencionalmente, não vamos prognosticar condutas e ações visando a sua permanência num mundo futuro ou distante. Temos a preocupação de refletir, questionar, indagar, criar trilhas novas para questões que se colocam tentando buscar suportes para o ser humano que tece os primeiros tempos do século XXI.

Escrevemos o presente, sabendo ser esta uma das escrituras possíveis, dentro de um universo múltiplo com que poderíamos fazê-lo, deixando aqui a marca do compromisso ético e político do educador no e com seu tempo. O tempo com que Drummond⁹, no início do século, preocupado com a perspectiva de compromisso com o outro, definiu seu viver no mundo “*o tempo é a minha matéria, o tempo presente, a vida presente, os homens presentes*”, percebendo talvez, por sua sensibilidade, o intenso período de desestruturas que viveríamos; escrevemos, com a certeza da fragilidade da permanência das verdades científicas que referendamos hoje e negamos, por vezes, logo em seguida, mas construindo a grandeza do ser humano que, a cada passo reconstruído pela ciência, saberá fazer a leitura da trajetória humana no sentido de desfazer equívocos, certos de que, permanentemente, deixamos de ser o que somos.

⁹ ANDRADE, Carlos Drumont de. Mãos dadas (poema)

É diante desta perspectiva que a Prática Profissional deve direcionar suas ações para o fortalecimento de exigências básicas na formação do docente a partir de determinadas premissas.

Em relação, preponderantemente, à **Prática Pedagógica**:

- **a necessidade de compreender o mundo atual, seus avanços, sua complexidade e suas contradições** - é necessário que o educador tenha a preocupação de, junto com seus alunos, perceber as ações educativas que hão de desenvolver como representações simbólicas situadas e datadas. É necessário que se compreenda como ser que constrói sua subjetividade, submerso na velocidade de mudanças e de perspectivas, marca do século XX que se estende até hoje. O processo educativo que percebemos em crise vive esta conflituosa realidade, e muitas vezes tenta sustentar-se no passado que já nos descortinou respostas para muitos equívocos. Entretanto, nossas mais recentes indagações não encontram fórmulas. Sabedores da temporalidade das verdades apenas nos percebemos capazes de construir conhecimentos que se fazem pontes para outros caminhos em nossa trajetória pelo mundo;
- **a necessidade de compreender a realidade de nosso país, as políticas públicas de formação e capacitação docente** - as reflexões que se farão no decorrer da Prática Pedagógica nos deverão trazer à luz as Políticas Públicas de formação e capacitação docente, a oferta da escola para todos, defendida veementemente a partir do pós-guerra, as tentativas dos grandes educadores no Brasil no sentido de construção de uma escola mais democrática e inclusiva;
- **a necessidade de desenvolver uma cultura de inclusão nas escolas** - uma das fontes temáticas da Prática Pedagógica deve ser a construção de uma postura de dignificação da escola pública, para nossa gente e que seja para todos, que descortine a beleza de toda a nossa diversidade cultural, e que busquemos eliminar as desigualdades não construtivas, uma vez que se entende

o princípio da diferença como bem distanciado do modelo que a sociedade nos expõe de desigualdade em nosso país;

- **a necessidade de compreender a escola, como organização escolar dotada de uma cultura própria** - é preciso que os educadores se apercebam da cultura que cada instituição escolar desenvolve, suas bases conceituais e pressupostos invisíveis (crenças, valores e ideologias), suas manifestações verbais e conceituais (fins e objetivos, currículo, linguagem, metáforas, história, estrutura, etc), simbólicas e visuais (arquitetura e equipamento, artefatos e logotipos, lemas e divisas, uniforme, imagem exterior, etc) e as comportamentais (rituais, cerimônias, ensino-aprendizagem, normas e regulamentos, procedimentos operacionais, etc) o que faz com que ela se diferencie, além de se aperceberem do quanto o desempenho de seus profissionais interferem e reforçam esta cultura;
- **a necessidade de desenvolver competências para o traçado ou intervenção no Projeto Pedagógico da Instituição onde atua** - a certeza de que as instituições escolares possuem cultura própria nos aponta a necessidade de o profissional posicionar-se junto a seus pares, compreender o sentido político da escola para todos, com qualidade social, participar efetivamente das iniciativas que firmam este propósito e perceber as ações que nos afastam de qualquer proposta que não seja a favor da democratização do conhecimento, fazendo-nos responsáveis por buscar novas formas de atuação;
- **a necessidade de construir competências no sentido da valorização da riqueza plural da cultura brasileira** - respeitar as diferenças e lutar por desfazer as desigualdades injustas parece-nos importante a ser desnudado nos debates do ambiente escolar, a partir dos dados coletados da prática pedagógica: os problemas sociais relacionados à construção da história de nosso país, a nação brasileira que este povo miscigenado construiu e os desafios educacionais aí inerentes. Cabe aqui ressaltar que, na questão dos estudos etnográficos, estudos já despontavam a este respeito no Brasil na década de 30 e temos em Florestan

Fernandes um grande estudioso. Nosso país, segundo palavras de Claude Lévi-Strauss¹⁰ em diversas oportunidades e reafirmada em entrevista pela imprensa brasileira, por ocasião da comemoração dos 500 anos, a 22 de abril de 2000, é hoje referência mundial nas questões da cultura plural;

- **o preocupar-se com a construção da cidadania** - o viver neste mundo é proceder a discussões, construir rotinas de vida, adotar hábitos e posturas na perspectiva da conservação da vida no planeta, delineando e reforçando princípios éticos indispensáveis à dignidade da sobrevivência do homem e de sua espécie, em toda a sua atuação na Terra;
- **a necessidade de reconhecer o valor da pesquisa** como instrumento de realimentação de saberes e conhecimentos e como caminho metodológico que privilegia atitudes de autonomia, do aprender a aprender e da construção coletiva nos e além dos ambientes de aula.

Em relação, preponderantemente, ao **Estágio Curricular Supervisionado**:

- **a necessidade de compreender o ambiente da aula como espaço de construção e reconstrução de saberes e conhecimentos** - a aula precisa ser reconhecidamente espaço onde se tem a oportunidade de planejamento, orientação, dimensionamento dos saberes, de estabelecimento de metas e de avaliação permanente. Sendo local instituído para a construção do conhecimento, ela deverá oportunizar elos com outras esferas de saber.
- **a necessidade de redimensionar a gestão da aula e do tempo escolar** - a prática docente, voltada para o desenvolvimento de competências, não poderá mais estar centrada apenas no binômio aluno-professor, necessitando da atuação de outros atores, novas interlocuções. Assim é que apontamos a necessidade de colocar as tecnologias da informação e da comunicação no

¹⁰ Jornal *O Estado de S. Paulo*. Caderno2 D.9.

cerne do processo educativo, mediando as relações que ocorrem no desenvolvimento da aula, ou seja, ampliando o espaço físico da aula, não se restringindo à sala de aula, para que o conhecimento se construa de múltiplas formas;

- **a necessidade de desenvolver um trabalho que ultrapasse os limites das disciplinas/campos de saberes restritos** - é notório que as ciências, dado o avanço a que se submeteram, viram-se obrigadas a quebrar seus muros e percebemos que inúmeras experiências das ciências exatas, por exemplo, vão avançando para além de sua linha divisória (tecida em seu imaginário), explorando campos de saber das ciências humanas ou vice-versa – esta afirmativa entretanto não se faz em relação à maioria dos profissionais que resistem ao envolvimento com áreas de conhecimento que não sejam a sua específica, o que dificulta, muitas vezes, a compreensão mais ampla da realidade. Esta constatação muito evidente na educação, dada a sua estrutura ainda nos moldes taylorista-fordistas leva-nos a admitir a necessidade e a urgência de que os profissionais planejem e atuem em conjunto, dentro e fora da instituição, integrando saberes, desenvolvendo competências mais eficazes para interagir com o conhecimento e com o mundo.

A disposição de participar da formação de professores, ter utopias possíveis e formar cidadãos que possam interferir no dia-a-dia das pessoas na sociedade - o desejo de uma sociedade mais igualitária, a Prática Profissional nos encaminha à necessidade:

- da participação efetiva de todos os campos de saber que constroem a rede do curso em questão, num **trabalho integrado**, sem deixar de reconhecer, em diferentes momentos, a contribuição predominante, mesmo que provisória (dada a certeza de que a ciência é a busca eterna de desvelamento de equívocos), de determinado campo de conhecimento, em função das competências definidas por construir;

- da postura de indagação diante do saber que nos coloca permanentemente na necessidade de adoção da **pesquisa enquanto princípio educativo**;
- da **elaboração individual**, também imprescindível para o fortalecimento e interiorização de saberes e dos sujeitos, suporte da ação social;
- do entendimento da **avaliação no horizonte da formação do ser**, na perspectiva de minimizar o antagonismo que envolve a questão, desnudando a lógica da avaliação enquanto instrumento de criação de hierarquias de excelência, da defesa da fatalidade das desigualdades e no contraponto - a denúncia de nossa indiferença às desigualdades, conforme afirma Bourdieu¹¹. Parece-nos que o fim do século XX demonstrou a força da inércia do sistema. Entretanto, pondo em xeque o tanto e o muito que a humanidade já construiu, seja chegado o tempo de uma verdade mais duradoura e, fazendo nossas as palavras de Perrenoud¹², *talvez passemos – muito lentamente – da medida obsessiva da excelência a uma observação formativa a serviço da regulação das aprendizagens*. Todavia, apoiando nossa certeza em Perrenoud, *nada está pronto*.

10.2- OBJETIVOS DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Em linhas de síntese, podemos traduzir a Prática Profissional aí incluída (a) a Prática Pedagógica (b) o Estágio Curricular Supervisionado e (c) as Atividades acadêmico-científico-culturais como elementos integradores do currículo do Curso de Licenciatura que se propõem a ser:

- o ponto de articulação dos saberes que compõem a rede de conhecimentos dos cursistas, por onde devem transitar de forma dinâmica, integradora e

¹¹ In: BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos 2: por um movimento social europeu*. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar Editor, 2001. e

In: BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.

¹² PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a Escola*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1998.

interativamente saberes, atitudes e valores imprescindíveis da e na formação do profissional do magistério;

- o canal que possibilita a veiculação da docência com a prática social, na perspectiva de se estabelecer o diálogo necessário entre as ciências, o conhecimento tecnológico e comunicacional que favorecem a atuação do ser humano no mundo contemporâneo e as ações sócio-políticas que possibilitem o desenvolvimento sustentável, a vida no planeta, a democratização da sociedade, a dignificação do homem;
- a vivência efetiva da ação do docente quer no contexto escolar mais amplo, quer no contexto do ambiente da aula propriamente dito.

10.3- ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Pensar a estrutura organizacional da Prática Profissional necessariamente nos leva a refletir sobre as diferentes dimensões da atuação do profissional do magistério.

Ora, ao constatarmos que:

- a maioria das competências desenvolvidas no início da educação formal estará obsoleta ao término deste percurso;
- a natureza do trabalho está em constante mutação: no trabalho também se processa a aprendizagem, transmitem-se saberes e produzem-se conhecimentos;
- as pessoas aprendem em suas experiências sociais e profissionais;
- o curso de licenciatura possibilita ao futuro professor aprender a profissão no *locus* onde irá atuar profissionalmente, ou seja, a instituição escolar;

- as funções cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção) são alteradas pelas tecnologias interativas fornecendo novas formas de acesso à informação e possibilitando que tais informações venham a ser compartilhadas por diversas pessoas, indivíduo de fácil entendimento que a atuação profissional dos futuros professores não pode ser pensada na perspectiva apenas dos componentes curriculares (a) Prática Pedagógica (b) Estágio Curricular Supervisionado e (c) Atividades acadêmico-científico-culturais. Tais componentes, por mais importantes que sejam, constituem dimensões primordiais da Prática Profissional na formação do professor, porém, não únicas. A preocupação com a formação profissional e a ação docente, necessariamente deve estar presente em todo itinerário curricular do Curso de Licenciatura, inclusive nas diferentes ações pedagógicas de seus professores, desenvolvidas no interior de cada eixo temático/disciplina.

A Prática Pedagógica e Estágio Curricular Supervisionado, enquanto componentes curriculares das Licenciaturas devem necessariamente estar articulados com o outro componente da Prática Profissional: Atividades Acadêmico-científico-culturais. Entretanto, a Prática Pedagógica e Estágio Curricular Supervisionado ao buscarem, mais especificamente, aproximar o futuro profissional à realidade onde irá atuar na perspectiva de lhe fornecer a possibilidade de distanciamento suficiente para organizar suas vivências e transformá-las em instrumental elaborado, capaz de tornar suas ações mais conseqüentes, estão a exigir uma metodologia que tenha como preocupações básicas:

- a adoção de um fio condutor que possibilite a integração dos diferentes eixos temático/disciplinas que compõem o período;
 - a ênfase na vivência de situações de aprendizagem que possibilitem aos cursistas a incorporação de ações educativas;
 - a reflexão crítica sistemática, contínua e permanente das atividades educativas na perspectiva de possibilitar ao cursista o redimensionamento da

prática educativa do professor e de seus pares, conseqüentemente, possibilite também intervenção na realidade tendo em vista seu aprimoramento.

A Prática Profissional das Licenciaturas entendida como reflexão-ação-reflexão sobre a atividade do profissional do magistério é estruturada através de 3 (três) grandes campos:

- **campo comum de atuação profissional** estendido a todos os professores, independente da modalidade de ensino em que atuam, identificado como **Prática Pedagógica (400 horas)**, cujo percurso deve ser perseguido durante todo o Curso de Licenciatura;
- **campo específico de atuação profissional**, que diz respeito, prioritariamente, à área de desempenho docente de acordo com a modalidade de ensino para a qual, o Curso de Licenciatura se destina, identificado como **Estágio Curricular Supervisionado (400 horas)**, cujo itinerário deve ser perseguido a partir da metade do Curso, isto é, nos 4 (quatro) últimos períodos;
- **campo de aprimoramento profissional** centrado na perspectiva de uma educação permanente, dinâmica e em movimento, atenta às novas produções científico-culturais demandadas pelas necessidades oriundas da realidade social, denominado **Atividades Acadêmico-científico-culturais (200 horas)**, cujas ações devem estar distribuídas no decorrer de todo Curso de Licenciatura.

A Prática Pedagógica perpassa o curso por inteiro, conforme orientação contida no Parecer 28/2001 quando afirma que *“é fundamental que haja tempo e espaço para a prática, como componente curricular, desde o início do curso e que haja uma supervisão da instituição formadora como forma de apoio até mesmo à vista de uma avaliação de qualidade”*(p. 09).

Diante disso, a Prática Pedagógica tem início no primeiro período estendendo-se até o oitavo e tem por objetivos, desenvolver nos cursistas

competências relacionadas: (a) à compreensão crítica da organização e gestão escolar; (b) à ação reflexiva acerca das relações pertinentes ao contexto escolar; (c) às atividades de levantamento e análise de dados que dêem subsídios para leitura desta mesma realidade sempre dinâmica e permeada de contradições.

A proposta de trabalho desenvolvida, por hora, na Prática Pedagógica em cada período encontra-se a seguir:

- **1º Período**

Diagnóstico do município abordando os aspectos: geográfico, histórico, sócio-cultural, econômico e educacional. Panorama filosófico e sociológico das principais correntes que influenciaram a educação, abordando a função social do sistema educativo atual.

Principais objetivos:

- Conceituar a educação do município considerando seus aspectos: geográfico, histórico, sócio-cultural e econômico.
- Analisar a situação da educação na sociedade atual através da filosofia e da sociologia da educação.
- Perceber como as correntes filosóficas e sociológicas influenciam o processo educacional.
- Reconhecer que o conhecimento tem transformado a sociedade e a educação atual.
- Perceber qual a finalidade do sistema educacional.
- Analisar a importância de uma reforma do sistema educacional atual.
- Analisar a globalização como um fenômeno mundial que afeta diretamente a educação atual e futura.

- **2º Período**

Análise do perfil do profissional de educação, abordando suas atitudes, tomada de decisões, suas relações interativas com alunos e equipe pedagógica, as exigências do ensino, auto-avaliação e profissionalismo.

Principais objetivos:

- Analisar o perfil do profissional de educação.
- Vivenciar através de dinâmicas como o professor deve tomar atitudes e decisões no âmbito escolar.
- Reconhecer que o profissionalismo depende de fatores internos como responsabilidade e ética.
- Conceituar as exigências de ensino atuais.
- Analisar a importância das relações interativas no âmbito escolar.
- Analisar a questão da disciplina na escola.
- Efetuar a auto-avaliação como meio de melhorar o desempenho profissional.

- **3º Período**

Elaboração de projetos interdisciplinares, enfoque na Educação de Valores Humanos, estudo de propostas e métodos globalizados para a educação inclusiva. Análise de situações onde ocorrem dificuldades de aprendizagem e Transtornos de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Principais objetivos:

- Analisar a questão da interdisciplinaridade na escola.
- Vivenciar através de dinâmicas o conhecimento em rede interdisciplinar.

- Reconhecer que a educação atual depende do desenvolvimento de Valores Humanos.
- Conceituar os principais déficits dos portadores de necessidades especiais.
- Analisar a importância da educação inclusiva no contexto social e educacional.
- Analisar como lidar com a diversidade na escola.

- **4º Período**

Abordagem do lúdico na aprendizagem com enfoque no trabalho com as Inteligências Múltiplas, competências e habilidades. Conceituação do Projeto-Político-Pedagógico da escola, com análise de seus principais pressupostos, abordando as competências necessárias para sua elaboração e implantação no âmbito escolar.

Principais objetivos:

- Analisar a questão do lúdico na aprendizagem escolar.
- Vivenciar a ludicidade através de jogos e dinâmicas, resgatando o prazer de aprender a aprender.
- Conceituar os oito tipos de Inteligências (Inteligências Múltiplas).
- Conceituar as competências e habilidades a serem desenvolvidas na escola.
- Analisar a importância do trabalho com Inteligências Múltiplas, competências e habilidades no desenvolvimento de projetos escolares e no desenvolvimento dos alunos.
- Conceituar e analisar o Projeto-Político-Pedagógico da escola.

- **5º Período**

Estudo da prática educativa abordando os aspectos do plano de aula e as variáveis metodológicas.

Principais objetivos:

- Vivenciar a práxis educativa através do estágio curricular supervisionado.
- Elaborar planos de ação para uma aula significativa.
- Compreender as diversas variáveis metodológicas do processo de ensino-aprendizagem.
- Conceituar o que é construtivismo.
- Conceituar o que são objetivos e conteúdos de aprendizagem.
- Analisar as seqüências de conteúdos e a distribuição do tempo e do espaço de aula.
- Analisar os processos de avaliação e a importância da avaliação qualitativa e diagnóstica para o sucesso escolar.
- Utilizar a criatividade na sala de aula para uma aprendizagem significativa.

- **6º Período ao 8º Período**

Articulação das abordagens trabalhadas no campo da reflexão-ação-reflexão no que se refere à atividade profissional do magistério, com a ação específica do cursista no campo de estágio.

Principais objetivos:

- Orientar as atividades de estágio curricular supervisionado, propostas para cada período, estabelecendo a relação teoria/prática.

- Interagir com os professores – orientadores da disciplina **Contexto da aula: organização e gestão de ambientes de aprendizagem**, visando a uma ação integrada.
- Refletir e aprofundar temas relevantes na Educação Brasileira, como: conceito e papel da educação; avaliação; educação inclusiva; a educação de jovens e adultos; o trabalho com projetos interdisciplinares, entre outros.
- Elaborar propostas de materiais didáticos inovadores/alternativos para a Educação Básica (de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio).
- Orientar e dar suporte teórico-prático na organização de Seminários e de debates sobre a Prática Profissional dos cursos de Licenciatura.

No quinto período inicia-se o Estágio Curricular Supervisionado, onde até o final de cada Licenciatura ocorre a reflexão acerca da ação do professor no contexto da aula o que envolve inclusive a docência supervisionada propriamente dita pelo cursista, a partir da utilização de metodologias específicas para cada área de conhecimento.

A Prática Profissional é enriquecida através das Atividades Acadêmico-científico-culturais quando o cursista deverá ao longo do curso participar de congressos, seminários, encontros, núcleos de pesquisas e outros eventos pedagógicos pertinentes ao Curso de Licenciatura, intra e/ou extra institucional. As Atividades Acadêmico-científico-culturais são registradas ao final do curso, mediante apresentação, por parte dos alunos, dos certificados de participação.

A carga horária total da Prática Profissional constituída de Prática Pedagógica (400 horas), Estágio Curricular Supervisionado (400 horas) e Atividades Acadêmico-científico-culturais (200 horas) somam-se 1000 horas, distribuídas nos Cursos de Licenciatura.

As orientações das atividades da Prática Profissional, bem como as apreciações críticas sobre os dados coletados nos diferentes campos de atuação são desenvolvidas em tempo e espaço curricular específicos com o objetivo de promover a articulação das diferentes ações, numa perspectiva de transversalidade, com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão para compreender e atuar em situações contextualizadas entendidas como situações do cotidiano profissional. Assim compreendida, a prática contextualizada pode vir, tanto do campo de estágio como também através de (a) tecnologias de informação e comunicação, (b) de produções dos alunos, (c) de situações simuladas e (d) estudo de casos.

Neste sentido, os componentes curriculares que compõem a Prática Profissional - Prática Pedagógica, Estágio Curricular Supervisionado e Atividades Acadêmico-científico-culturais - são desenvolvidos através de diversas atividades, supervisionadas por professores responsáveis por cada grupo de alunos, tais como:

- trabalho acadêmico, ensaio monográfico, e/ou projeto de iniciação científica;
- projetos educativos;
- produções coletivas;
- monitoria;
- docência supervisionada;
- visitas técnico-pedagógicas;
- oficinas pedagógicas;
- ações de caráter científico, técnico, cultural e comunitário;
- eventos pedagógicos (participação, enquanto organizadores e/ou ouvintes, em seminários, apresentações, exposições ...).

A avaliação da Formação Profissional (Prática Pedagógica, Estágio Curricular Supervisionado e Atividades Acadêmico-científico-culturais) ocorre durante todo o processo e é realizada através da **auto-avaliação** (professores e cursistas),

avaliação da aprendizagem do aluno e avaliação do trabalho educativo (abrangendo a instituição, os professores e os cursistas) considerando, prioritariamente a:

- análise e interpretação da realidade;
- aplicação dos conhecimentos teórico-práticos apreendidos nos eixos temáticos/disciplinas de cada período;
- resolução de problemas surgidos no decorrer da ação.

De cada cursista exige-se, em cada período:

- a apresentação (a) do “Plano de Trabalho” da Prática Profissional”, incluindo o Cronograma da Prática Profissional, (b) do “Plano de Trabalho da Prática Pedagógica” e/ou do “Plano de Trabalho do Estágio Curricular Supervisionado” com seus respectivos Cronogramas a serem elaborados sob a orientação de um professor, por período;
- a certificação das Atividades Acadêmico-científico-culturais que tenha participado durante cada período, tendo em vista que ao término do último período deverão estar computadas, no mínimo, 200 horas;
- o registro de todas as atividades desenvolvidas, retratadas ao término de cada período, via “Relatório Final”, das atividades das atividade da Prática Profissional desenvolvidas em cada período.

11- MONOGRAFIA

A construção de um Trabalho Monográfico traz em seu bojo a necessidade da reflexão, por mais breve que seja, acerca do significado de pesquisa, enquanto ato através do qual se procura obter conhecimento sobre determinado assunto na perspectiva da superação da percepção superficial e aparente do mundo das coisas, dos homens, da natureza e das relações existentes. Busca-se, portanto, ultrapassar

os fatos, desvelar processos, explicar e descrever, com consistência e plausibilidade, fenômenos a partir de determinado referencial.

Várias são as definições acerca de pesquisa ou investigação de natureza científica discutidas pelos mais conceituados autores. Porém, em geral, a pesquisa é entendida como uma atividade que utiliza processos específicos na busca de respostas a problemas teóricos e/ou práticos. Trata-se de um estudo

- de caráter formal, sistematizado e orientado por um plano ou projeto, segundo alguns critérios, apoiados num referencial teórico e na lógica do método utilizado, de forma que as conclusões não se tornem inócuas e inválidas;
- que pressupõe reflexão crítica capaz de acrescentar algo à realidade já conhecida;
- que não esgota a explicação do fenômeno/fato investigado;
- cujos conhecimentos produzidos são vinculados a critérios de escolha e interpretação de dados e são determinados sob certas condições ou circunstâncias o que possibilita a leitura de que não existem conhecimentos absolutos e definitivos.

É bom lembrar, que não se trata de uma simples atividade de reprodução de conhecimentos acumulados pela humanidade e, portanto deve ser entendida como atividade científica pela qual o ser humano desvela a realidade, partindo do pressuposto de que, conforme afirma o professor Pedro Demo, “a realidade não se desvenda na superfície. Não é o que aparenta a primeira vista. Ademais, [os] esquemas explicativos [do ser humano] nunca esgotam a realidade, porque esta é mais exuberante que aqueles”¹³. Daí a razão pela qual se pode afirmar que sempre há algo na realidade a ser conhecido.

¹³ DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1990.

No meio acadêmico, o trabalho monográfico de acordo com o estágio de formação que se encontra o aluno, pressupõe diferentes níveis de aprofundamento em relação à abordagem do tema, sendo que cada nível exige, por sua vez, graus diferenciados de rigor metodológico utilizado no estudo.

A monografia¹⁴ é a modalidade do trabalho monográfico exigida aos alunos do Curso de Ciências da Natureza enquanto requisito parcial à conclusão de sua Licenciatura, cuja aprovação está condicionada à apresentação oral perante uma Banca Avaliadora.

O tema da Monografia é escolhido pelo cursista devendo ser compatível com as temáticas desenvolvidas durante o curso que tem como foco principal a Formação de Professores.

A Monografia, conforme definida em seu Regulamento, é realizada individualmente ou, em caráter excepcional, em dupla, sob a orientação de um professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos (CEFET Campos), preferencialmente do curso que por sua vez, deve computar a frequência (mínima de 75%) do(s) aluno aos encontros de orientação, bem como registrar, sistematicamente, através de, no mínimo, dois relatórios, o desempenho do cursista, durante o processo de construção da Monografia que ocorre em dois períodos letivos. No caso do não comparecimento do aluno aos encontros de orientação, para acompanhamento do processo de construção da Monografia esta não pode ser aceita pelo orientador.

As Monografias são apresentadas por escrito e oralmente a uma Banca Avaliadora composta por três professores, sendo um deles o orientador do aluno. A Banca Avaliadora após a apreciação das mesmas atribui o resultado final de

¹⁴ Etimologicamente o termo monografia é constituído de *mónos* que significa *um só* e de *graphein* que significa *escrever*, o que permite dizer que a monografia aborda um só tema, logo que o trabalho monográfico refere-se à apresentação escrita do estudo de um tema específico.

Aprovação, Aprovação Condicional ou Reprovação, justificado em parecer assinado pelos membros da Banca Avaliadora.

12- CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

O aluno é avaliado de forma contínua e permanente, durante o processo de sua aprendizagem.

Nos termos da legislação em vigor, a aprovação para o período subsequente tem como preceito o rendimento do aluno e a frequência às atividades propostas. A avaliação do aproveitamento tem como parâmetro para aprovação, tanto o desenvolvimento das competências de forma satisfatória em cada componente disciplinar do período, obtendo média maior ou igual a 6,0, quanto a frequência mínima de 75% em cada componente curricular.

São aplicados no mínimo 2(dois) instrumentos de elaboração individual, que abordam os conhecimentos mais significativos, correspondendo de 60% a 80% dos valores bimestrais, e no mínimo 2(duas) atividades assistemáticas equivalendo de 20% a 40% dos valores bimestrais. Apenas nos instrumentos de elaboração individual os alunos têm assegurado o direito à 2ª chamada, desde que requerida dentro dos prazos regimentais. Não há “prova final”, ou seja, uma avaliação sistemática que substitua todas as atividades realizadas ao longo do período, após o término do processo regulamentar.

O aluno tem direito à vista das avaliações sendo registrada uma única nota, ao final do período, representando a posição final do aluno em relação ao desenvolvimento das competências propostas e a construção do seu conhecimento. Esta nota não representa *necessariamente* a média aritmética dos resultados das avaliações.

O aluno pode solicitar revisão das avaliações, oficializada através de requerimento à Coordenação de Registro Acadêmico/Divisão de Ensino Superior,

que encaminhará à Coordenação Acadêmica do Curso para que seja realizada revisão por uma banca constituída pelo professor da disciplina e mais dois docentes da área em data previamente estabelecida.

O Conselho de Professores, formado pelos docentes envolvidos no período, reúne-se no mínimo duas vezes durante o período letivo - reunião intermediária e final, para análise do desempenho dos alunos.

A re-elaboração de atividades é realizada de forma a permitir ao aluno refazer sua produção até o final do período, visando à melhoria do seu desempenho especialmente nas disciplinas/eixos temáticos cujos conhecimentos são interdependentes.

A operacionalização da recuperação fica a cargo de cada professor que escolhe entre realizá-la paralelamente ao período ou através da aplicação de um instrumento de elaboração individual conclusivo, denominado P3, que pode substituir o registro de desempenho obtido em um dos instrumentos de elaboração individual ministrado ao longo do semestre letivo, desde que maior.

13- POLÍTICA DE AVALIAÇÃO DO CURSO VISANDO A SUA EFICÁCIA E EFICIÊNCIA

A avaliação, tanto institucional quanto dos cursos, tem sido um dos instrumentos utilizados pelo IF Fluminense como indicadores para atualização e redimensionamento de todas as políticas institucionais, definição de programas e projetos e de indução de novos procedimentos da gestão administrativa e acadêmica. Cabe ressaltar que todo processo avaliativo serve como diagnóstico (identificação das potencialidades e limitações), mas não se apresenta como conclusivo, considerando a dinâmica do universo acadêmico.

O IF Fluminense utiliza-se dos seguintes mecanismos de avaliação de cursos visando à eficácia e eficiência: ENADE – Exame Nacional de Cursos, da Avaliação de Cursos (Comissão do INEP/MEC), da Auto Avaliação Institucional, Fórum de Coordenadores Educacionais (reunião semanal) e do Colegiado do Curso.

No conjunto de políticas institucionais, criou-se também a Coordenação de Avaliação Institucional, ampliando assim dimensão dos trabalhos da Comissão Própria de Avaliação no sentido de validar resultados e traduzir o trabalho em novas orientações para o processo educativo.

Com esta concepção, os resultados das avaliações anuais norteiam a análise dos projetos pedagógicos dos cursos, os planos de ensino, como também são referências para o diálogo com parceiros institucionais, objetivando a melhoria e manutenção da qualidade.

14. EQUIPE TÉCNICA

Na realização dos serviços, contamos com 02 bibliotecários, 10 assistentes administrativos, 03 recepcionistas terceirizados e 28 bolsistas de trabalho.

15. PESSOAL DOCENTE E TÉCNICO ENVOLVIDO NO CURSO

18.1. DO CORPO DOCENTE

Nome do professor	Titulação	Regime de Trabalho	Link para currículo Lattes
Ana Paula da Graça de Souza Blengini	Mestre em Políticas Públicas	DE	http://lattes.cnpq.br/7508908301335905
André Luiz Henriques de Carvalho	Mestre em Políticas Sociais	DE	http://lattes.cnpq.br/3012849828377149
Angellyne Moço Rangel	Doutora em Sociologia Política	DE	http://lattes.cnpq.br/9364657267009642
Nome do professor	Titulação	Regime de Trabalho	Link para currículo Lattes
Carlos Márcia Viana Lima	Mestre em Ciências da Religião	DE	http://lattes.cnpq.br/8911085164951248
Celso Acácio Galaxe de Almeida	Mestre em Educação	DE	http://lattes.cnpq.br/7613417738270716
Celso Vicente Mussa Tavares	Mestre em Geografia	DE	http://lattes.cnpq.br/7271274517137039

Cristiane Silva Ribeiro	Especialização em Libras	40h	http://lattes.cnpq.br/1274361919742161
Edalma Ferreira Paes	Mestre em Educação	DE	http://lattes.cnpq.br/3382494291728613
Gustavo Siqueira da Silva	Mestre em Geografia	DE	http://lattes.cnpq.br/8810508887269770
Hélio Gomes Filho	Mestre em Planejamento e Gestão de Cidades	DE	http://lattes.cnpq.br/4868954032036916
Linovaldo Miranda Lemos	Doutor em Geografia	DE	http://lattes.cnpq.br/08725547436375
Lívia Pierotte Mello de Freitas	Mestre em Geografia	DE	http://lattes.cnpq.br/1820960850502624
Luís Felipe Umbelino dos Santos	Doutor em Ecologia	DE	http://lattes.cnpq.br/83441893783053
Luiz Carlos Berçot	Mestre em Planejamento Regional	40h	http://lattes.cnpq.br/5586767752732817
Luiz Cláudio Gomes de Abreu	Mestre em Cognição e Linguagem	DE	http://lattes.cnpq.br/201831046202557
Maria Amelia Ayd Corrêa	Mestre em História	DE	http://lattes.cnpq.br/0133586962759615
Maurício Guimarães Vicente	Mestre em Geografia	DE	http://lattes.cnpq.br/0644908916475289
Mauricio Nunes Lamonica	Mestre em Geografia	DE	http://lattes.cnpq.br/7215993935765153
Nelson Crespo Pinto Pimentel	Mestre em Planejamento e Gestão de Cidades	DE	http://lattes.cnpq.br/1659929485729459
Otávio Cordeiro de Paula Pierotte	Mestre em Políticas Sociais	DE	http://lattes.cnpq.br/3504387619900993
Paula Gomes de Azeredo	Especialização em Psicopedagogia e Pedagogia Empresarial	40h (substituta)	http://lattes.cnpq.br/6632976494241647
Nome do professor	Titulação	Regime de Trabalho	Link para currículo Lattes
Philippe Braga André	Mestre em Geografia	DE	http://lattes.cnpq.br/9219556461405117
Rafael Corrêa Borba	Mestre em Planejamento e Gestão	40h	http://lattes.cnpq.br/7523888664686083

	de Cidades		
Raquel Callegario Zacchi	Doutora em Sociologia Política	DE	http://lattes.cnpq.br/8498084703043059
Roselene Affonso do Nascimento	Especialização em Gestão Pública	DE	http://lattes.cnpq.br/1875177273869184
Simone Souto da Silva Oliveira	Doutora em Engenharia	DE	http://lattes.cnpq.br/1506404675187374
Synthio Vieira de Almeida	Mestre em Sociologia	DE	http://lattes.cnpq.br/5266018693813875
Zandor Gomes Mesquita	Mestre em Políticas Sociais	DE	http://lattes.cnpq.br/7121057657575000

**ANEXO 1: EMENTÁRIO DO CURSO DE
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

PLANO DE ENSINO

Disciplina: História e Teoria do Pensamento Geográfico

Carga Horária: 60h

Período: 1º

Ementa

Níveis escalares e multidimensionais de apreensão da realidade geográfica. Estruturação da ciência geográfica. Matrizes filosóficas e correntes do pensamento geográfico. Conceitos - chaves em geografia: paisagem, região, espaço, território e lugar. Novos objetos, novas interrogações.

Objetivos

- Discutir o significado dos conceitos-chaves da Geografia – paisagem, região, espaço, território e lugar – em conformidade com as diferentes correntes do pensamento geográfico.
- Desenvolver o pensamento crítico na abordagem dos fatos geográficos.

Conteúdo

1. Introdução à análise geográfica: por uma abordagem multiescalar e multidimensional.

2. Matrizes filosóficas e correntes do pensamento geográfico:

2.1. O positivismo e o determinismo natural; o conceito de paisagem natural.

Ultrapassando o determinismo: as paisagens culturais segundo Denis Cosgrove.

2.2. O historicismo e a escola regional francesa (possibilismo); o conceito de região.

2.3. O positivismo lógico e a Geografia Teorética; o conceito de espaço relativo.

2.4. O materialismo histórico e a Geografia Crítica; os conceitos de espaço e território.

a. Gestão do capital e práticas espaciais.

b. A contribuição de Milton Santos.

c. Território e poder; novas territorialidades

2.5. As filosofias do significado e a Geografia Humanista.

3. A literatura geográfica e o debate acadêmico contemporâneo: novos objetos.

Bibliografia Básica

CASTRO, Iná Elias de (Org.), GOMES, Paulo Cesar da Costa (Org.), CORREA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 17. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

CASTRO, Iná Elias de. **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Ciência Política

Carga Horária: 60h

Período: 1º

Ementa

Estudo do pensamento político dos séculos XVI ao XX: a construção do Estado-Nação moderno; o liberalismo político como expressão do poder da burguesia; a crise do liberalismo político e os projetos políticos alternativos; a crise da democracia clássica.

Objetivos

Esta disciplina tem por objetivo conhecer as principais correntes políticas ocidentais, modernas e contemporâneas, que nortearam as ações do Estado e da sociedade, servindo como arcabouço teórico para o entendimento das implicações políticas das formas diferenciadas de ocupação e uso do espaço geográfico.

Conteúdo

PARTE I – A Gênese do Estado Moderno e o Absolutismo Monárquico

- 1) Conceitos de: Política, Estado, Nação, Sociedade Civil
- 2) O processo de formação do Estado Moderno
- 3) Nicolau Maquiavel: “O Príncipe” como uma proposta de solução para a unificação italiana e sua contemporaneidade.
- 4) Thomas Hobbes e o Estado: a relação de reciprocidade entre proteção e obediência.

PARTE II – O Liberalismo político: Sua gênese nos séculos XVII/XVIII

- 1) John Locke e o conceito de propriedade: o Estado como fonte de proteção contra o poder dos outros.
- 2) Jean Jacques Rousseau e a injustiça social: a relação entre liberdade e igualdade.
- 3) Montesquieu: os “freios e contrapesos” ao poder político.
- 4) “Os Federalistas” – Hamilton, Jay e Madison.

PARTE III – Liberalismo, Democracia e Socialismo no século XIX

- 1) Alexis de Tocqueville e a preservação da liberdade e igualdade numa ordem liberal.
- 2) Stuart Mill: liberdade e representação
- 3) Karl Marx e Friedrich Engels e a posição marxista acerca do Estado.

PARTE IV – A Democracia

- 1) A Crise da Democracia Clássica: Schumpeter
- 2) A “Democracia Possível”: Dahl
- 3) A Sociologia dos Partidos Políticos: Michels
- 4) Socialismo e Democracia: um debate

Bibliografia Básica

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. 2a. ed. ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHEVALLIER, Jean Jacques. **As grandes obras políticas**: de Maquiavel a nossos dias. Prefácio de André Siegfried; tradução de Lydia Cristinia; revisão de André Praça de Souza Telles. 8. ed. Rio de Janeiro: AGIR, 2002.

WEFFORT, Francisco Corrêa (Org.). **Os clássicos da política**. 13. ed São Paulo: Ática, 2001. 2v

PLANO DE ENSINO

Disciplina: História Contemporânea

Carga Horária: 80h

Período: 1º

Ementa

Capitalismo – versões e contraponto (socialismo): construção, revolução, contestação, expansão, crises e reestruturações.

O estudo da disciplina História Contemporânea no Curso Superior de Geografia, conforme está organizada, terá como eixo temático a História do Capitalismo, com ênfase nas questões econômicas e sociais pertinentes, especialmente do século XX, bem como, as razões, críticas e crise da construção histórica de seu contraponto: o socialismo.

Nesse sentido, a fundamentação teórico-historiográfica será inspirada na História Social (“Escola Inglesa”), tradicionalmente marxista, fundada no econômico e na economia política que nos últimos anos vem recebendo contribuições ao seu objeto de análise, com pesquisas nas áreas cultural, da antropologia social, sem deixar dominar-se na pulverização trazida pelos multiculturalismos / pós-modernismos, tendência forte na atualidade.

O programa não proporá discussões historiográficas por ser destinado a um público de Geografia, mas informações a esse respeito perpassarão nas discussões do eixo temático e seus conteúdos.

Caberá a esta disciplina servir de apoio ao corpo das demais disciplinas que fazem parte do Curso de Geografia, estimulando as interfaces das áreas do conhecimento que compõem o saber das Ciências Sociais / Humanas, bem como, contribuindo na formação de docentes cientificamente embasados e conscientes da construção e dinâmicas dos Espaços Geográficos e por que não, comprometidos com sua transformação.

Objetivos

- Possibilitar uma visão do Capitalismo, enquanto construção histórica e motor civilizatório da história contemporânea, a partir dos estudos de sua gênese revolucionária, sua consolidação e expansão, bem como, de suas crises e superação.
- Destacar o socialismo, enquanto construção histórica, em contraponto ao capitalismo, suas crises e perspectivas contemporâneas.
- Propiciar apoio às demais disciplinas, estimulando as interfaces nas áreas do conhecimento que compõem o saber das Ciências Humanas.

- Contribuir na formação de docentes críticos e cientificamente embasados, conscientes da construção e dinâmicas dos Espaços Geográficos, e, por que não, comprometidos com sua transformação.

Conteúdo

I- CAPITALISMO LIBERAL:

1- Século XVIII: Construção e Revolução

- 1.1- Revolução Industrial e Revolução Francesa
- 1.2- Fábrica – o novo “locus” da produção e do trabalho

2- Século XIX: Expansão, Consolidação e Contestação

- 2.1- Monopolismo e Imperialismo: contradições
- 2.2- Movimento Operário e as Doutrinas Sociais

3- Século XX: Crise – “era da catástrofe” (até + ou – 1945)

- 3.1- 1ª Guerra, crise de 1929, fascismos, New Deal e 2ª Guerra
- 3.2- A Revolução Russa

II- CAPITALISMO DE ESTADO OU BEM-ESTAR SOCIAL

- 1- Keynesianismo e Fordismo / Taylorismo: Grande Estado, Grande Capital e Grande Trabalho – a “era de ouro”.
- 2- Guerra Fria e conflitos
- 3- O “Socialismo Real” e modelos implantados
- 4- A versão limitada no “Terceiro Mundo”.
- 5- Crise: do modelo de “bem-estar” de acumulação, do “socialismo real” – fim da Guerra Fria

III- CAPITALISMO NEOLIBERAL:

- 1- Friedrich Hayek e os “Chicago`s Boys” : Desregulamentação, desestatização e desuniversalização dos direitos sociais
- 2- Recomposição: financeirização, reestruturação científica e tecnológica da produção e do mundo do trabalho e o fenômeno da Globalização.

- 3- O histórico a partir do pioneirismo chileno (Pinochet), Inglaterra (Tatcher), EUA (Reagan) e a implementação na América Latina (“Consenso de Washington”)
- 4- A situação das sociedades Ex-Socialistas: conflitos e novo modelo de economia
- 5- “O mundo depois da queda” – haverá História Pós-Neoliberalismo? - Perspectivas

Bibliografia Básica

HOBBSBAWM, E. J. (Eric J.). **Era dos extremos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FERNANDES, LUÍS MANUEL REBELO. **O enigma do socialismo real**: um balanço crítico das principais teorias Marxistas e ocidentais. Rio de Janeiro: MAUAD, 2000.

HOBBSBAWM, E. J. (Eric J.). **O novo século**: entrevista a Antonio Polito. Tradução de Cláudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Português Instrumental

Carga Horária: 40h

Período: 1º

Ementa

Teoria da Comunicação. Língua, linguagem e fala. Adequação da linguagem ao contexto da fala e/ou escrita. O Processo, os elementos da comunicação e as funções da linguagem. Técnicas de expressão oral. Tipos de textos: os literários e os não literários. Técnicas de resumo. Organização textual. Organização do parágrafo. A frase-núcleo. O substantivo e o verbo na oração. Estudo lexical aplicado às Ciências Humanas a partir de unidades morfológicas (radicais, prefixos e sufixos). Elaboração de um miniglossário. .

Objetivos

- Capacitar o aluno a compreender e produzir textos narrativos, descritivos e dissertativos e elaborar documentos e correspondências oficiais relacionadas com o curso.
- Capacitar o aluno a melhorar a compreensão, organização e a redação de textos.

Conteúdo

1. Teoria da Comunicação

- 1.1 – Comunicação, língua, linguagem.
- 1.2 – Adequação da linguagem ao contexto da fala e/ou escrita.
 - a) Variações: temporais, diatópicas, socioculturais, contextuais.
- 1.3 – Elementos da Comunicação/Função da linguagem.
- 1.4 – Técnicas de expressão oral: exposições, debates, dramatizações, etc.

2. Tipos de textos: literário (de autores contemporâneos e dos alunos) e não literário (jornalístico, técnico e científico)

3. Técnicas de resumo

- 3.1 – Frases
 - a) A frase-núcleo
- 3.2 – Parágrafo
 - a) Tema e delimitação
 - b) Objetivo

4. Revisão de noções gramaticais básicas (a partir de textos)

4.1 – O substantivo e o verbo na oração: seus valores mórficos, semântico, sintáticos e estatístico.

4.2 – Elaboração de um niniglossário composto de um léxico referente à linguagem das Ciências Humanas.

Bibliografia Básica

RUA, João. **Para ensinar geografia**: contribuição para o trabalho com o 1º. e 2º. graus. Rio de Janeiro: Access Editora, 1993.

CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em construção**: a escritura do texto. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2001.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa** 41. ed. melhorada e ampliada. SP, Nacional, 1998.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 17. ed. RJ. FGV, 1996.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Geologia

Carga Horária: 80h

Período: 2º

Ementa

Divisões da Geologia; O Estudo da terra: o tempo geológico, história geológica, Estrutura interna da terra; Geotectônica: placas e movimentos; Fenômenos Geológicos: Intemperismo, Metamorfismo, Diagênese e Ambientes de Sedimentação, Movimentos de Placas; Os minerais e minérios; As rochas: classificação, propriedades, deformações, noções de estratigrafia; Os solos: classificação, propriedades, utilização; Noções de Geologia prática: escalas e legendas geológicas, perfis topográficos e geológicos, mapas geológicos.

Objetivos

- Articular o conhecimento conceitual ao empírico, compreendendo e identificando escalas temporais e espaciais dos fenômenos geológicos
- Compreender os processos internos e externos da evolução geológica da Terra
- Reconhecer os elementos constituintes do Planeta bem como a dinâmica de formação e transformação

Conteúdo

1- Introdução à Geologia.

2- A Terra e o Homem.

3- Estrutura Interna da Terra:

- Geotectônica: placas e movimentos.

4- Os fenômenos geológicos:

- Intemperismo.

- Metamorfismo.

- Diagênese.

- Ambientes de Sedimentação.

5- Agentes do Relevo: forças endógenas e forças exógenas.

6- O ciclo e o tipo das rochas:

- Rochas Magmáticas.

- Rochas Sedimentares.

- Rochas Metamórficas.

7- Solos: tipos e utilização

8- Introdução à Paleontologia.

9- O ciclo das águas.

Bibliografia Básica

WILSON TEIXEIRA ... [ET AL.] (Org.). **Decifrando a terra.** São Paulo: Oficina de textos, 2000.

POPP, José Henrique. **Geologia geral.** 5. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1998.

LEINZ, Viktor; AMARAL, Sergio Estanislau do. **Geologia geral.** 14. ed. rev. São Paulo: Ed. Nacional, 2003.

SUGUTO, K. & SUZUKI, U. **A Evolução geológica da terra e fragilidade da vida.** São Paulo: E. Blucher.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Educação, Trabalho e Tecnologias

Carga Horária: 60h

Período: 1º

Ementa

O cenário do final do século XX: a modernidade e a atualidade; O mundo do trabalho; A revolução tecnológica da Informação; A Educação Brasileira numa perspectiva histórica; Os desafios da educação contemporânea; Mediatização pedagógica: da tecnologia educacional à comunicação educacional; Linguagem digital e aprendizagem colaborativa; Concepção de homem e a educação; O mundo do trabalho: as transformações do fim do século e a organização da escola; As exigências educacionais contemporâneas e novas atitudes docentes; O papel da arte e da cultura na formação do homem e do profissional. Inovações tecnológicas na cultura escolar; Relações interpessoais no mundo informatizado. Linguagem e novas tecnologias de comunicação.

Objetivos

Desenvolver uma visão crítica sobre a educação escolar na contemporaneidade. Para tanto, analisa as metamorfoses presenciadas no mundo do trabalho a partir do século XX e sua relação com o contexto da educação escolar. Posteriormente, desenvolve-se uma análise sobre a emergência da tecnologia da informação e sua interface com educação escolar.

Conteúdo

I. Introdução:

- A gênese da educação escolar
- A educação escolar em uma perspectiva histórica.

II. O projeto da modernidade e a educação escolar:

- A constituição da Europa moderna e a educação escolar
- O modelo de educação escolar diante da modernidade.

III. A crise da modernidade e a educação escolar:

- A crise de paradigmas e o período de transição
- As mudanças culturais e seu reflexo na educação escolar
- A revolução da tecnologia da informação.

IV. As formas de gestão do trabalho:

- A administração científica do trabalho
- O toyotismo
- A reengenharia.

V. A sociedade pós-industrial e o novo sentido atribuído ao conhecimento:

- A emergência de novas linguagens e a tecnologia digital
- O ciberespaço
- A educação escolar diante da cultura pós-moderna.

Bibliografia Básica

CITELLI, Adilson (Coord.). **Outras linguagens na Escola. Publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática.** 3. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

CITELLI, Adilson (Coord.). **Comunicação e Educação. A linguagem em movimento.** 2. ed. São Paulo, Senac. 2002.

FERRETI, Celso [et. al.]. (Org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo, Editora 34, 1996.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente.** 6 ed. Campinas, Papirus, 2000.

MORAN, JOSÉ MANUEL, MASETTO, Marcos Tarciso, BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 5. ed Campinas: Papirus, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **A nova Lei da Educação. LDB Trajetória, Limites e Perspectivas.** 9. ed. Campinas, Autores Associados, 2004.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Geografia do Mundo Contemporâneo

Carga Horária: 80h

Período: 2º

Ementa

A questão do poder: conceitos, estruturação do Poder Mundial no pós Guerra Fria, distribuição geográfica e centralidade; A Ordem Mundial do Pós Guerra Fria; Blocos de Poder: a hegemonia norte-americana, a tríade capitalista; Os organismos multilaterais (G7, OMC, FMI, Banco Mundial, OCDE, ONU); Atores Emergentes no cenário Mundial: inserção e peso político-econômico; O desafio para o Sul: pobreza e governabilidade; Atores periféricos no Contexto Internacional Contemporâneo.

Objetivos

- A disciplina se propõe a articular os conceitos sobre as relações de poder que se estabelecem no mundo pós-guerra fria; analisar textos de diferentes matrizes teóricas a respeito das transformações no mundo contemporâneo; analisar as relações entre diferentes atores no cenário mundial ressaltando interesses estratégicos, relações entre atores e suas implicações e discutir o conceito de aglomerados de exclusão, analisando causas e implicações da existência dos mesmos.

Conteúdo

1- O Poder

- a) As dimensões do Poder: um diálogo com as Ciências Sociais
- b) Poder e Geografia Política
- c) Estruturação do Poder no Mundo Pós Guerra Fria

2- Os Organismos Multilaterais na Nova Ordem Mundial: Desafios.

- a) A ONU
- b) O FMI

3- Atores Centrais no Cenário Internacional Contemporâneo.

- a) Os EUA
- b) A Europa Unificada
- c) Japão e Bacia do Pacífico.

4- A Semi-Periferia

- a) China
- b) Índia
- c) Brasil

5- A periferia: o caso africano

- a) Uma economia em crise
- b) Conflitos étnicos e sociais
- c) O problema de Aids
- d) A questão do Estado

6- Perspectivas para o Século XXI

- a) Um balanço do século XX
- b) Problemas emergentes:
 - a questão demográfica
 - a questão ecológica
 - a tecnologia
 - o desemprego
 - o terrorismo
 - o fundamentalismo

Bibliografia Básica

HAESBAERT, Rogério (Org.). **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo**. Niterói, 2001.

HOBBSBAWM, E. J. (Eric J.). **Era dos extremos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VESENTINI, Jose William. **Novas geopolíticas**: as representações do século XXI. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

VESENTINI, Jose William. **A nova ordem mundial**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Geopolítica e Conflitos do Mundo Contemporâneo

Carga Horária: 80h

Período: 3º

Ementa

Análise das relações de poder mundial, dos conflitos e tensões entre Estados e povos, contextualizados a partir do estabelecimento da Guerra Fria aos dias atuais.

Objetivos

Esta disciplina tem por objetivo analisar as principais correntes teóricas do pensamento geopolítico, como forma de estabelecer uma análise científica dos conflitos e tensões do mundo contemporâneo e, da inserção do Brasil no mundo globalizado.

Conteúdo

- 1) Os conceitos de Geopolítica**
- 2) A Geopolítica enquanto campo de estudo (histórico)**
 - a) Ratzel e a Antropogeografia
 - b) As Geopolíticas Clássicas e sua crise
- 3) A Geopolítica no contexto da Guerra Fria**
 - a) Guerra Fria, Armamentismo, Conflitos Ideológicos e a Bipolaridade
 - b) Estudo de conflitos locais e regionais gerados pelo contexto da Guerra Fria
- 4) A Geopolítica no Contexto da Crise dos Socialismos e da Globalização**
 - a) A questão geopolítica dos choques culturais
 - b) A supremacia da democracia liberal no mundo.
 - c) As mudanças no poderio militar e as redefinições geoestratégicas.
 - d) A Geopolítica dos EUA sob a “Nova Doutrina de Segurança”.
- 5) Geopolítica Brasileira**
 - a) A Questão Amazônica
 - b) Brasília: aspectos geopolíticos
 - c) A questão do sistema de comunicação: “integrar para não entregar.”
- 6) Conflitos do Mundo Contemporâneo**
 - a) A questão árabe-israelense
 - b) A questão balcânica
 - c) A questão basca
 - d) A questão irlandesa
 - e) A questão indiana-paquistanesa

f) EUA X Iraque: a questão geopolítica

Bibliografia Básica

MAGNOLI, Demetrio. **O mundo contemporâneo**: relações internacionais 1945-2000. São Paulo: Moderna, 1996.

VESENTINI, Jose William. **Novas geopolíticas**: as representações do século XXI. São Paulo: Contexto, 2000.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo: EDUSP, 1999.

CASTRO, Iná Elias de (Org.), GOMES, Paulo César da Costa (Org.), CORREA, Roberto Lobato. **Geografia**: conceitos e temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Geografia e Meio Ambiente

Carga Horária: 80h

Período: 7º

Ementa

A relação Natureza X Sociedade em diferentes contextos históricos e sociais; O desenvolvimento sustentável: concepção e estudo de casos; Sociedade de Consumo e Meio Ambiente; Pobreza e Meio Ambiente; Os Movimentos Ambientistas; Problemas ambientais em diferentes escalas de análise e áreas de ocorrência (detalhamento das seguintes questões: problema do lixo, chuva ácida, efeito estufa, destruição da camada de ozônio, assoreamento dos rios, esgoto urbano e industrial, agrotóxicos, inversão térmica, contaminação por mercúrio, desmatamento, desertificação, poluição visual e sonora, ilhas de calor); Contaminação das Águas e Política de recursos hídricos; A degradação de Ambientes Costeiros; A exploração dos recursos naturais e seus efeitos sócio-ambientais.

Objetivos

A disciplina se propõe, inicialmente, a discutir e apreender as relações existentes entre natureza e sociedade, a partir, notadamente, da constituição da moderna sociedade industrial, os impactos produzidos sobre o meio ambiente e a questão do desenvolvimento sustentável. Propomos ainda investigar os principais problemas ambientais globais, nacionais e locais, a questão da água e as possibilidades de preservação ambiental.

Conteúdo

1- A relação Natureza & sociedade.

- questões teórico-metodológicas.
- a sociedade industrial e a questão ambiental.
- os nós da sustentabilidade na moderna sociedade industrial.
- Ecocídio e Biocídio?

2- A Ecologia Natural e a Ecologia Social

3- O Ecologismo e o Conservacionismo.

4- Os diversos tipos de poluição.

5- Os principais problemas ambientais globais e as Conferências e Tratados internacionais.

- Efeito estufa;
- Buraco na camada de ozônio;
- Água

6- Os problemas ambientais nacionais: Amazônia e São Paulo como exemplo.

7- Os problemas locais: lixo e ar.

Bibliografia Básica

CRISTOFOLETTI, Antônio. **Geografia e Meio Ambiente no Brasil.** HUCITEC/ANABLUME.

CASTRO, Iná Elias de (Org.), GOMES, Paulo Cesar da Costa (Org.), CORREA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000

ROSS, Jurandyr L. Sanches (Org.). **Geografia do Brasil.** 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

GEIGER, Pedro P. (Org.); DAVIDOVICH, Fany R. (Org.); CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Geografia e meio ambiente no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Sociologia

Carga Horária: 60h

Período: 2º

Ementa

Discutir e analisar a contribuição teórica dos três pensadores clássicos da Sociologia verificando a atualidade de seu pensamento na investigação e compreensão dos problemas da atualidade. Analisar o processo histórico que propiciou a construção e constituição do modelo Taylorista/Fordista e sua expansão para os demais países capitalistas industriais; analisar a constituição do fordismo periférico especificamente o caso brasileiro e sua crise, os impactos sobre as tradicionais formas de organização dos trabalhadores: partidos e sindicatos e as alternativas que estão postas. Discutir e analisar as profundas transformações processadas na estrutura populacional latino-americana e notadamente brasileira.

Objetivos

- Destacar a importância dos processos revolucionários processados no Espaço Europeu a partir do século XVI que possibilitaram a constituição do campo de investigação científica da Sociologia.
- Delimitar o campo específico de estudo da Sociologia, através, notadamente do diálogo travado com outros campos do conhecimento.
- Possibilitar uma leitura contemporânea dos clássicos do pensamento sociológico, visando produzir instrumentais de inserção na realidade da crise verificada neste fim do século XX e início do XXI.
- Fornecer indicação bibliográfica adequada dos clássicos e da produção contemporânea, objetivando favorecer as atividades dos futuros docentes.
- Propiciar diálogo frutuoso com os demais campos de conhecimento, estimulando as interfaces necessárias a construção de um conhecimento amplo, crítico e transformador.

Conteúdo

1- Introdução

- 1.1- Contexto histórico do surgimento da Sociologia
- 1.2- A revolução Industrial e a nova ordem social
- 1.3- O surgimento da Sociologia
- 1.4- A finalidade prática da Sociologia – objeto de estudo

2- A Teoria Funcionalista

- 2.1- Durkheim: a visão positivista da sociedade
- 2.2- Moral Social e Divisão do Trabalho Social
- 2.3- Os Fatos Sociais como objeto da Sociologia
- 2.4- Os traços característicos dos fatos sociais
- 2.5- Tipos de sanções sociais: os mecanismos de controle social
- 2.6- Coesão, Solidariedade e os tipos de Consciência
- 2.7- Moralidade e Anomia

3- A Teoria do Materialismo Histórico

- 3.1- Marx: visão dialética da sociedade
- 3.2- A produção e a reprodução: mercadoria, capital, lei da mais valia, classes sociais, Estado e ideologia.
- 3.3- O papel revolucionário da burguesia
- 3.4- A origem dos problemas sociais
- 3.5- A alienação e as relações sociais de produção na sociedade capitalista

4- Max Weber

- 4.1- Os conceitos fundamentais da Sociologia Weberiana
- 4.2- Divisão do poder na comunidade: classes, estamentos e partidos.
- 4.3- A dominação
- 4.4- A Sociologia da religião
- 4.5- A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo

Bibliografia Básica

Martins, Carlos B. (Carlos Benedito). **O que é sociologia**. 40. ed. São Paulo : Brasiliense, 1995.

HOBSBAWM, E. J. (Eric J.). **A era do capital, 1848-1875**. Tradução de Luciano Costa Neto. 5.ed., ver. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**. Jorge Zahar Editora.

QUINTANEIRO, TÂNIA, et al. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte: UFMG.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

GUARECHI, Pedrinho. **Sociologia crítica: alternativas de mudança**. Porto Alegre: UBEA-PUC/RS.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Geomorfologia

Carga Horária: 80h

Período: 4º

Ementa

Definição de Geomorfologia e suas divisões; Formas do Relevo; Condicionantes Lito-Estruturais do Relevo; Hidrologia das Encostas; Processos Geomorfológicos de Encosta; O solo como um fator geomorfológico; Água no solo; Erosão dos Solos: processos e fatores condicionantes; Erodibilidade dos solos; Processos Fluviais; Formas e processos Eólicos; Formas e Processos Glaciais; Ação do Mar e Formas Costeiras; Modelos sobre a Evolução do Relevo; Planejamento e Gestão do solo.

Objetivos

- Articular o conhecimento da geologia, pedologia e climatologia nos processos geomorfológicos atuantes na paisagem
- Tendo como base a evolução geral do relevo terrestre, interpretar as formas e a dinâmica geomorfológicas
- Aplicar o conhecimento da geomorfologia de forma interdisciplinar
- Adequar o conhecimento da geomorfologia aos diversos níveis educacionais
- Planejar e desenvolver atividades de campo para estudo da geomorfologia de forma empírica
- Diagnosticar processos de risco e potencial de uso da terra
- Delimitar regiões com fins de planejamento do uso da terra com base em conceitos geomorfológicos

Conteúdo

1. Geomorfologia e Geologia - Condicionantes Lito-Estruturais do Relevo

2. Processos Geomorfológicos de Encosta

3. O solo como um fator geomorfológico

3.1 Erosão dos Solos: processos e fatores condicionantes

3.2 Erodibilidade dos solos

4. Processos Fluviais

5. Formas e Processos Glaciais

6. Ação do Mar e Formas Costeiras

7. Formas e processos Eólicos

8. Planejamento e Geomorfologia.

Bibliografia Básica

GUERRA, Antonio José Teixeira (Org.), CUNHA, Sandra Baptista da (Org.). **Geomorfologia e meio ambiente**. 3. ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GUERRA, Antonio José Teixeira (Org.), CUNHA, Sandra Baptista da. **Geomorfologia**: uma atualização de bases e conceitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CUNHA, Sandra Baptista da (Org.), GUERRA, Antonio José Teixeira (Org.). **Geomorfologia**: exercícios, técnicas e aplicações. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CUNHA, Sandra Baptista da, GUERRA, Antônio J. T. **Geomorfologia do Brasil**. Bertrand Brasil.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem

Carga Horária: 60h

Período: 2º

Ementa

Retrospectiva histórica de psicologia. Principais etapas do desenvolvimento humano e as concepções teóricas da Psicologia que fundamentam a aprendizagem escolar contemporânea. Fatores históricos, sociais e culturais que constituem a cognição humana e afetam a dinâmica do processo da aprendizagem. Da necessidade da ação docente frente às principais causas dos problemas de aprendizagem: uma reorganização pedagógica à luz da atualidade.

Objetivos

Desenvolver uma visão crítica sobre as contribuições da psicologia para a educação escolar. Para tanto, analisa a gênese da psicologia enquanto ciência e suas diversas escolas de pensamento, o desenvolvimento humano segundo as concepções da teoria psicanalista e da teoria construtivista e, ainda, as diversas teorias da aprendizagem.

Conteúdo

Unidade I:

- 1- Psicologia, Educação e Sociedade**
- 2- A evolução da Ciência Psicológica**
- 3- A Psicologia da Educação**
- 4- Psicologia da Aprendizagem**
- 5- Teorias psicológicas – uma análise.**
- 6- A aprendizagem como objeto de estudo**
- 7- Behaviorismo e aprendizagem – Watson e Skinner**
- 8- Gestalt – A Percepção**

Unidade II: A Psicologia do desenvolvimento:

- 1- A teoria do desenvolvimento de Jean Piaget**
 - Organização intelectual e adaptação
 - Desenvolvimento intelectual

- Fases do desenvolvimento
- Afeto e cognição
- Princípios do Construtivismo

2- O enfoque interacionista do desenvolvimento humano: Piaget e Vygotsky.

Bibliografia Básica

SCHULTZ, Duane P. & SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da Psicologia Moderna**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

BRAGUIOLLI, Elaine Maria; BISI, Guy Paulo; Luiz Antônio e NICOLETTO, Ugo. Psicologia Geral. **Petrópolis: Vozes, 2004.**

CAMPOS, Dinah Marins de Souza. Psicologia da Aprendizagem. **33. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.**

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky – uma perspectiva histórico – cultural da Educação**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Processos de Mundialização

Carga Horária: 80h

Período: 3º

Ementa

Elementos polêmicos na análise da globalização. As múltiplas dimensões da globalização e suas implicações no território, da escala local à mundial. A financeirização do mundo: volatilidade e vulnerabilidade externa. Resistências sociais ao atual modelo de globalização.

Objetivos

- Identificar e analisar a globalização em suas dimensões econômico-financeira, informacional e cultural, destacando o conteúdo desigual e perverso das relações de poder que engendra.

Conteúdo

1. Globalização e mundialização: controvérsias teóricas e múltiplas dimensões.

2. Mundialização da economia: gênese, estrutura e dinâmica e suas implicações no território (expansão e encolhimento do mundo). A dimensão geográfica da globalização.

2.1. A globalização financeira: volatilidade e velocidade dos fluxos de capital; a lógica especulativa da acumulação.

2.2. Impactos da globalização financeira na periferia capitalista: vulnerabilidade externa, déficits gêmeos e ingovernabilidade.

2.3. A globalização produtiva: os investimentos externos diretos e o papel das empresas transnacionais; impactos na periferia industrial capitalista.

3. Alternativas à globalização capitalista excludente: os movimentos anti-globalização e o Fórum Social Mundial.

4. Mundialização da cultura e da informação.

4.1. Cultura de consumo: padronização, desterritorialização, conflitos e acomodações. Identidades nacionais e matrizes globais.

Bibliografia Básica

SENE, Eustáquio de. **Globalização e espaço geográfico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHONSKY, Noam. **Onze de setembro**. Bertand Brasil.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Antropologia

Carga Horária: 60h

Período: 3º

Ementa

Discussão e conceito de cultura: antecedentes históricos e teorias modernas- etnocentrismo e relativismo cultural. Determinismo biológico e determinismo geográfico. Cultura e relações étnicas. Etnografia (Boas e Malinowski). Os campos de investigação: antropologia dos sistemas simbólicos, social, cultural, estrutural e sistêmica. Metodologia do trabalho de campo: o observador e o objeto de estudo. Antropologia no Brasil: Oliveira Vianna: angústia racial e impossibilidade civilizacional; Gilberto Freire e a democracia racial; Roberto da Matta e o jeitinho brasileiro. Conflitos multiculturais no mundo atual.

Objetivos

O presente curso se propõe a discutir as principais abordagens teóricas da Antropologia, sua importância enquanto ciência e sua relação com a História, perceber e analisar suas relações com o neo-colonialismo. O “nós” e o “outro”, a diversidade cultural e o etnocentrismo, a questão do racismo e o multiculturalismo

Conteúdo

1- INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA ANTROPOLOGIA

- 1.1- O objeto da Antropologia
- 1.2- As abordagens teóricas em Antropologia
- 1.3- Diferenças básicas entre Sociologia e Antropologia- um olhar diferente.
- 1.4- Os diversos ramos da Antropologia : a Antropologia Biológica, a Arqueologia e a Antropologia Social e/ou Cultural.
- 1.5- O nascimento da Antropologia Científica e suas relações com o neo-colonialismo.

2- “NÓS E OS OUTROS”- A INQUIRIÇÃO OCIDENTAL SOBRE O “OUTRO”.

- 2.1- Origens do conceito de cultura
- 2.2- Teorias modernas sobre cultura
- 2.3- A diversidade cultural e o etnocentrismo

2.4- A prática do etnocentrismo X a teoria do relativismo cultural

2.5- A história do etnocentrismo na humanidade:

a) o etnocentrismo na Antiguidade Clássica: mundo greco-romano X mundo bárbaro.

b) o etnocentrismo na Idade Media : cristãos X não-cristãos.

c) O etnocentrismo na Idade Moderna: europeus X não-europeus.

d) O etnocentrismo no século XIX- o evolucionismo social- uma teoria científica.

e) O etnocentrismo no século XX- a onda xenófoba varrendo o mundo

2.6- “Quando os outros somos nós”- o olhar do “outro” sobre o europeu.

2.7- A transformação do exótico em familiar e do familiar em exótico.

3- RACISMO

3.1- Conceito de raça e conceito de racismo

3.2- Origens históricas do racismo

3.3- Etnocentrismo e racismo

3.4- A expansão do racismo a partir do século XV- a Expansão Marítima.

3.5- Racismo e Colonialismo na Idade Moderna.

3.6- O racismo no Mundo Contemporâneo

a) Século XIX – o racismo como teoria científica - as principais correntes teóricas. Século XX – a negação do racismo enquanto ciência e sua persistência enquanto prática dominante nas sociedades.

3.7- Raça e mobilidade social.

3.8- O racismo no mundo: EUA, África do Sul, Europa, etc...

3.9- O racismo à brasileira

Bibliografia Básica

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 15.ed Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

Freyre, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rocco.

MATTA, ROBERTO DA. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. 6.ed
Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Economia Política

Carga Horária: 60h

Período: 2º

Ementa

A abordagem da disciplina privilegiará o estudo das relações sociais de produção, circulação e distribuição dos bens materiais, definindo as leis que regem tais relações. Valendo-se de dados fornecidos pela economia descritiva e pela história econômica, sendo política o sinônimo de social. O eixo teórico terá como centro o valor e a mais-valia, como fonte do lucro, do juro e da renda da terra. O capitalismo nesta perspectiva será visto como um modo de produção historicamente determinado, sujeito a um processo de superação.

Em épocas mais recentes os economistas acadêmicos simpáticos ao marxismo, usaram a expressão economia política para designar a teoria econômica radical, de modo a distingui-la da economia burguesa neoclássica. É nesse sentido que procuraremos desenvolver nossa abordagem, acompanhando a evolução do modo de produção capitalista, suas crises, os meios de superação e as tendências de longo prazo numa perspectiva global e particularmente no Brasil contemporâneo.

Objetivos

- A disciplina se propõe discutir a importância e as relações entre Economia Política e Geografia, através da análise do desenvolvimento destes campos de conhecimento científico. Apresenta ainda uma discussão fundamental sobre os caminhos e descaminhos dos sistemas econômicos e, a partir das diferentes matrizes teóricas buscar alternativas e possibilidades de enfrentamento dos problemas enfrentados pelas sociedades contemporâneas.

Conteúdo Programático

I- Fundamentos Básicos

- 1.1. Mercantilismo, Fisiocratismo e Economia Política: uma Comparação.
- 1.2. Alienação em Hegel, Feuerbach e Karl Marx.
- 1.3. A Alienação em Economia Política.
- 1.4. O Materialismo Histórico e os Modos de Produção.

II- Mercadoria e Valor.

- 1.1. A Lei do Valor Como Reguladora da Produção.
- 1.2. Capital Fetichismo e Acumulação Originária.
- 1.3. Mais- Valia e Trabalho Produtivo.
- 1.4. Mais-Valia e Acumulação de Capital

III- Tendências do Desenvolvimento Do Modo De Produção Capitalista.

- 1.1- O Capital Social Total e as Contradições de sua Reprodução.
- 1.2- Os Ciclos Econômicos.
- 1.3- A Lei da Queda Tendencial da Taxa de Lucro.
- 1.4- Concorrência E Monopólio

IV- A Economia Política do Imperialismo.

- 1.1- Lênin: Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo.
- 1.2- Os Traços Fundamentais do Imperialismo.
- 1.3- O Diferencial nas Taxas de Lucro e a Composição Orgânica do Capital.
- 1.4- O Capital Financeiro Como Força Dominante.

V- As Contradições do Liberalismo Econômico.

- 1.1- As Crises Cíclicas do Capitalismo.
- 1.2- 1929: A Grande Depressão.
- 1.3- A Contribuição de Keynes.
- 1.4- O Estado do Bem-Estar Social.
- 1.5- O Sistema de Bretton Woods
- 1.6- A Hegemonia Norte-Americana.

VI- A Crise Dos Anos 70 E A Situação Do Brasil.

- 1.1- A Abordagem Liberal-Monetarista (Neoliberalismo)
- 1.2- A Crítica da Esquerda.
- 1.3- O Brasil Na Crise.
- 1.4- A Tese da Economia Reflexa: Uma Comparação Entre Os Anos 70,80 e 90.
- 1.5- Os Determinantes da Liquidez Internacional: A Concepção Liberal Monetarista e o Brasil dos Anos 90
- 1.6- A Macroeconomia do Plano Real e O Preço Da Falsa Estabilidade.

Bibliografia Básica

FIORI, José Luis. **Os moedeiros falsos**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CÉSAR BENJAMIN... [ET AL.]. **A opção brasileira**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

LÖWY, Michael, LEWY, Suzanne Felicie. **Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen**: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. Tradução de Juarez Guimarães. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FIORI, José Luis. **Brasil no espaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BALIBAR, Etienne; COUTINHO, Carlos Nelson (Consult.). **A filosofia de Marx**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Climatologia

Carga Horária: 80h

Período: 4º

Ementa

A disciplina discute as relações dos fenômenos atmosféricos na construção do espaço geográfico: urbano e rural, natural e artificial, passado e futuro. Discutir o clima regional e local, os determinismos climáticos como fator de dominação e as alternativas de desenvolvimento baseados nas características ambientais como um todo.

Objetivos

- Reconhecer e discutir nas principais variáveis atmosféricas processos de construção de espaços.
- Familiarizar-se com instrumentos, coleta de dados, tabelas e gráficos meteorológicos.
- Compreender e discutir as possibilidades de mudanças de clima no passado e no futuro.
- Analisar gráficos climáticos e entender os principais impactos da ação antrópica sobre o clima.

Conteúdo

1- Origem astronômica dos elementos atmosféricos.

2- Diferenças entre Tempo e Clima.

3- Objeto e Método da Climatologia.

4- Atmosfera: origem, composição e estrutura.

- Radiação solar e balanço de radiação.

- Albedo.

- Pressão e Ventos.

- Anticiclones e ciclones.

5- Dinâmica Geral da Atmosfera

- Massas de Ar: definição, gênese e evolução.

- Frentes.

- Perturbações da faixa intertropical.

- Temperatura: variação conforme latitude, altitude e outros fatores, variações diurnas e anuais.
- Umidade: ciclo hidrológico, Umidade Absoluta e relativa.
- Mecanismos de Saturação, condensação e nuvens; formas de precipitação e suas variações sobre a superfície terrestre.
- Regimes Pluviométricos.

6- Classificações climáticas e os principais fenômenos climáticos globais.

Bibliografia Básica

AYOADE, J. O. **Introdução à climatologia para os trópicos.** Tradução de Maria Juraci Zani dos Santos; revisão de Suely Bastos. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

ROSS, Jurandyr L. Sanches (Org.). **Geografia do Brasil.** 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Cartografia

Carga Horária: 80h

Período: 1º

Ementa

A Terra: sistema de Coordenadas e Medidas; Escala e o Processo de Transformações; Determinação da Variação de escala; Tipos e Classificação de projeções; Mapa Mundi; Leitura e Uso de cartas Topográficas; Cartografia Temática: compilação; Mapa Base e generalizações; Símbolos na Cartografia; Mapa de Distribuição Quantitativa; Mapeamento automático: utilização de softwares para mapeamento temático, gráficos e diagramas.

Objetivos

- Adequar o conhecimento da cartografia aos níveis educacionais
- Reconhecer as diversas escalas de mapeamento dos fenômenos geográficos
- Utilizar softwares de mapeamento educacionais com os conhecimentos de cartografia
- Produzir, interpretar e avaliar documentos cartográficos
- Aplicar o conhecimento cartográfico para gerar soluções no cadastro do espaço geográfico.

Conteúdo

1- A Terra: Representação no processo cartográfico

- 1.1- Retrospectiva histórica da Cartografia
- 1.2- Algumas definições.
- 1.3- Cartografia e Geografia
- 1.4- Carta do Mundo ao Milionésimo.
- 1.5- O Brasil na Carta ao Milionésimo.
- 1.6- Processo de Navegação Terrestre, Aérea, nos Rios e Mares.

2- Sistema de Coordenadas e Medidas

- 2.1- Conceitos Básicos:

Forma da Terra: Geóide, Elipsóide e a Superfície Física.

Características geométricas e numéricas da Terra.

Raio Polar, Equatorial e Médio da Terra.

Meridianos e Paralelos.

Meridiano de Greenwich.

Fusos Horários, Eixo e Movimento de Rotação.

2.2- Projeções Cartográficas.

Tipos e Classificação.

Mapa Mundi.

Leitura e uso de Cartas Topográficas.

Coordenadas Geográficas: latitude, longitude e altitude.

Coordenadas UTM.

Datum Horizontal e Vertical.

IBGE – www.ibge.gov.br

Mapas e Cartas.

Escalas e o Processo de Transformação.

A Relação do Levantamento Real e o Desenho Escalado.

Processo de Observação para Atualização Cadastral.

Norte Geográfico, da Carta e Magnético.

Declinação Magnética.

Convergência Meridiana.

Azimute Geográfico, da Carta e Magnético.

3- Atividades Práticas

Reconhecimento e Levantamento Expedido da Região com a Bússula e o GPS.

Navegação com Bússula e GPS.

Atualização de Cadastro Urbano e Rural com a Carta.

Base Cartográfica do PROJIR e IBGE (NF).

Projeto de Assentamento Rural Zumbi dos Palmares.

Atualização do Cadastro de Produção Agro-Industrial nos Lotes do Zumbi I.

4- Cartografia Temática.

Compilação.

Mapa Base e generalizações.

Símbolos na Cartografia.

Mapa de Distribuição Quantitativa.

Mapeamento automático: utilização de softwares para mapeamento temático, gráficos e diagramas.

Bibliografia Básica

FRIEDMANN, Raul M. P. (Raul Marques Pereira). **Fundamentos de orientação, cartografia e navegação terrestre**: um livro sobre GPS, bússolas e mapas para aventureiros radicais e moderados civis e militares. Curitiba, 2003.

JOLY, Fernand. **A cartografia**. Tradução de Tânia Pellegrini; revisão técnica Roseli Pacheco D Ferreira. 4.ed Campinas, SP: Papirus, 2001.

IBGE, Manual de Cartografia Básica. 2002.

INCRA, Manual de Cartografia e Topografia, 2002.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Educação no Brasil numa leitura sócio-política

Carga Horária: 40h

Período: 3º

Ementa

A educação brasileira em diferentes momentos históricos; O cenário do percurso político-pedagógico; Do direito à educação e do dever de educar nas Constituições. Política educacional, organização e gestão do sistema escolar brasileiro e seus aspectos legais em diferentes momentos históricos; Análise crítica da educação básica na perspectiva da legislação educacional contemporânea: problemas e perspectivas; As questões globais da educação em perspectiva comparativista.

Objetivos

- Propiciar aos alunos uma análise da Educação, enquanto forma histórica de produção e reprodução do conhecimento produzido pela humanidade, compreendendo os seus aspectos político-ideológicos que conformam a contemporaneidade brasileira.
- Destacar a importância da apropriação teórica, que fundamentam os conceitos de Estado, Política e Educação, e de sua tradução nas políticas educacionais.
- Fornecer indicação bibliográfica adequada (clássicos e a produção contemporânea), visando favorecer a compreensão crítica do papel docente na sociedade brasileira.

Conteúdo

I. Fundamentação Teórico – Conceitual:

- Os conceitos de Estado, Sociedade Civil e Sociedade Política: jusnaturalismo, Marx e Gramsci.
- Os Conceitos de Cultura, Hegemonia e Bloco Histórico.
- As categorias de Gramsci e a realidade brasileira: “revolução passiva” ou “revolução – restauração”; a teoria ampliada do Estado e o Brasil contemporâneo; distinção “Oriente/Ocidente” no Brasil.

II. Histórico da Escola Brasileira Republicana

- A escola brasileira republicana (1889 – 1930)
- A escola brasileira populista, corporativa e industrializante (1930 – 1990)
- A Escola brasileira do final do século XX: o imbróglio do neoliberalismo (década de 1990)

III. A Educação Brasileira como campo social de disputa hegemônica

- A subordinação dos processos educativos ao capital
- A educação Brasileira na lógica das teorias de desenvolvimento
- Educação e as novas formas de sociabilidade do capital: mercado e a perspectiva neo – racionalista do fim da sociedade do trabalho, das classes sociais, da História.

IV. A Educação Brasileira como questão nacional

- Estudo de caso: A trajetória da nova LDB, seus limites e perspectivas.

Bibliografia Básica

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. 2. ed. ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MENDONÇA, Sonia Regina de. **Estado e economia no Brasil**: opções de desenvolvimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **Educação e política no limiar do século XXI**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: [teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política]. 35. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação**: trajetória, limites e perspectivas. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Produção e Gestão do Conhecimento

Carga Horária: 40h

Período: 3º

Ementa

O homem e o saber científico; A relação entre a ciência, tecnologia, o conhecimento e o senso comum; A ciência e a tecnologia na contemporaneidade; O processo criativo e o saber; O ato de estudar e a relação dialógica; A organização dos estudos; O princípio educativo e científico da pesquisa. A pesquisa na formação do professor; O processo de construção do trabalho científico; O trabalho monográfico.

Objetivos

O homem e o saber científico; A relação entre a ciência, tecnologia, o conhecimento e o senso comum; A ciência e a tecnologia na contemporaneidade; O processo criativo e o saber; O ato de estudar e a relação dialógica; A organização dos estudos; O princípio educativo e científico da pesquisa. A pesquisa na formação do professor; O processo de construção do trabalho científico; O trabalho monográfico.

Conteúdo

I. O homem o saber científico:

- A ciência, conhecimento, tecnologia e senso comum.
- O princípio educativo e o princípio científico da pesquisa.
- A pesquisa como ato dialógico.

II. A pesquisa na formação do professor:

- Pesquisa em educação: questões conceituais e metodológicas.
- A pesquisa no cotidiano no trabalho docente.
- Leituras e análise de pesquisas no campo da educação.

III. O trabalho científico:

- O processo de construção do trabalho científico.
- Elementos da Monografia.

- Construção de um ensaio monográfico.

Bibliografia Básica

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e as suas regras. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Urbanização Mundial e do Brasil

Carga Horária: 60h

Período: 5º

Ementa

A urbanização como processo civilizatório. A urbanização pré-capitalista. Revolução Industrial e urbanização. Os principais modelos de urbanização ao longo do século XX. A “descoberta do subdesenvolvimento” e a questão da população mundial. Urbanização e “socialismo real”. Crise mundial, globalização e as novas questões urbanas. Cidades mundiais, planos estratégicos e redes de cidades.

Objetivos

Percebendo a urbanização como um processo inerente ao desenvolvimento do capitalismo a nível mundial, a disciplina pretende analisar as diversas contradições que emergem deste processo, entendendo a cidade como o “lócus” concreto onde ocorrem as relações sociais que fazem da urbanização um fenômeno típico e sintomático do “modo de regulação” da “acumulação flexível” que passou a ser dominante ao final do século XX.

Conteúdo

1- Cidade X Campo, homem e natureza.

- 1.1. O espaço como relação social
- 1.2. A urbanização pré-capitalista
- 1.3. A acumulação primitiva e o “renascimento das cidades”
- 1.4. Revolução Industrial e urbanização.

2. A urbanização e o século XX.

- 2.1. Os principais modelos de urbanização ao longo do século
- 2.2. Crise do capitalismo e o modelo fordista-Keynesiano
- 2.3. A “descoberta do subdesenvolvimento” e a questão da população mundial
- 2.4. Urbanização e “socialismo real”

3. O urbano e o capitalismo “pós-moderno”: um olhar para o XXI

- 3.1. Crise mundial, globalização e as novas questões urbanas
- 3.2. A sociedade do espetáculo e as cidades virtuais
- 3.3. Cidades mundiais, planos estratégicos e rede de cidades.

Bibliografia Básica

SASSEN, Saskia. As cidades na economia mundial. Studio Nobel.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** Rio de Janeiro: Brasiliense.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Geografia da América Latina

Carga Horária: 80h

Período: 4º

Ementa

A formação das Nações latino-americanas: diversidade geográfica e fragmentação político-territorial; A inserção da América Latina na economia mundial; Questões de fronteiras na América Latina; Os modelos de desenvolvimento econômico: inclusão/exclusão social; Revolução e Contra-revolução na América Latina; Os projetos e formas de integração e os organismos regionais: Mercosul, ALCA, Pacto Andino etc.; A Geopolítica na América - Latina; Movimentos Sociais na América Latina Contemporânea. O papel da OEA na atualidade latino-americana; As relações entre os EUA e a América Latina no pós - Guerra Fria.

Objetivos

- Possibilitar aos alunos uma visão ampliada da geografia do continente latino-americano, através da relação sociedade-natureza, isto é, dos seus aspectos físico-humanos-econômicos-políticos responsáveis pela construção do espaço na América Latina.
- Propiciar entre os alunos, uma avaliação crítica dos espaços diferenciados na América Latina, bem como, elementos de sua unidade.
- Fornecer indicação bibliográfica adequada (clássicos e a produção contemporânea), visando favorecer as atividades dos futuros docentes.

Conteúdo

1. A Formação das Nações Latino-Americanas

- a) A fragmentação do espaço territorial
- b) Os projetos políticos de organização dos novos Estados
- c) As bases econômicas e sociais das novas nações latino-americanas.

2. A Inserção da América Latina na Economia Mundial

- a) A América Latina e a Divisão Internacional do Trabalho 1830-1930.

3. Os Modelos de Desenvolvimento Econômico

- a) O Capitalismo Tardio e Dependente

- b) Populismo e projetos econômicos.
- c) As repúblicas militares e o nacional-desenvolvimentismo
- d) Os Movimentos Socialistas e a realização cubana.

4. Revolução e Contra-revolução na América Latina

- a) Chile
- b) Nicarágua
- c) El Salvador

5. EUA e América Latina na época da Guerra-Fria

6. Os projetos de integração na América Latina

- a) Pacto Andino
- b) Mercosul
- c) Alca

7. Movimentos Sociais na América Latina

8. A OEA e a realidade latino-americana.

9. As relações entre os EUA e a América Latina pós - Guerra Fria.

10. Movimentos Culturais na América Latina: Cultura e Contra-cultura.

Bibliografia Básica

CASANOVA, PABLO GONZÁLEZ. **Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina**. Prefácio de Marcos Roitman Rosenmann; tradução de Ana Carla Lacerda. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

OLIC, Nelson Bacic. **Geopolítica na América Latina**. Rio de Janeiro: Moderna.

SCARLATO, Francisco Capuano (Org.). **Globalização e espaço latino-americano**. São Paulo: Hucitec: ANPUR.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Redes Ilegais da Globalização

Carga Horária: 60h

Período: 4º

Ementa

Economia ilegal globalizada e sua territorialidade. O terrorismo internacional. Organizações criminosas transnacionais: flexibilidade, versatilidade e alianças estratégicas. As novas tecnologias da informação e o sistema financeiro internacional a serviço do crime global. A face ilegal da economia legal.

Objetivos

- Reconhecer a territorialidade dos eventos relacionados às atividades criminosas globais;
- Analisar a estrutura das redes que conformam a economia ilegal e seus efeitos na sociedade, na economia, na cultura e na política, enfatizando as relações de poder nos diferentes níveis espaciais.
- Propor encaminhamentos voltados para o combate às atividades criminosas, tendo em vista as diversas escalas geográficas

Conteúdo

1. A dimensão ilegal dos circuitos globais: as redes criminosas num mundo “sem muros”.
2. Terror e terrorismo: organizações e operações; o “11 de setembro”; Rede-território *versus* Território-rede.
3. O advento do crime global: redes, rotas e conexões.
4. As organizações criminosas mundiais: novas configurações no mundo pós-guerra fria.
5. O tráfico internacional de drogas: os mecanismos de acumulação e da lavagem do dinheiro; o papel do sistema financeiro internacional.
 - 5.1- Impactos do crime organizado na economia, na sociedade, na política e na cultura.
 - 5.2- Desafios e alternativas para uma solução global do crime global.

Bibliografia Básica

CASTRO, Iná Elias de (Org.), GOMES, Paulo Cesar da Costa (Org.), CORREA, ROBERTO LOBATO (Org.). **Brasil**: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano**: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Hidrogeografia

Carga Horária: 80h

Período: 4º

Ementa

Apresentar a relação entre a hidrologia e a geografia, sem desta forma desprestigiar nenhuma delas, preservando a dimensão técnica da hidrologia, dentro de uma análise geográfica dos recursos hídricos e como elemento que mantém uma inter-relação com o Espaço Geográfico..

Objetivos

- Promover que o corpo discente reconheça a volatilidade do conceito recurso natural X recurso natural não renovável X recurso natural renovável, levando a compreender a importância da água como um recurso natural dentro de suas múltiplas dimensões: ecológica, social e econômica;
- Desenvolver a análise de que a água dentro do âmbito de um recurso escasso e dotado de valor econômico, e através deste identificar a água como um recurso escasso naturalmente, tornando-se cada vez mais a medida em que as atividades humanas complexificam.
- Levar o corpo discente a compreender que a água não é somente um elemento do ambiente, e sim um fator ambiental que em suas dimensões compromete o desenvolvimento das diversas atividades humanas, assim estabelecendo a partir das propriedades atribuídas à água, que a mesma deve ser sempre analisada dentro do binômio quantidade/qualidade.
- Identificar no Ciclo Hidrológico e em suas fases (precipitação, interceptação, escoamento, distribuição) como sistema chave que promove a renovabilidade da quantidade de água disponível nas porções continentais, reconhecendo a Bacia Hidrográfica, a base espacial/territorial para a análise, planejamento e gestão dos Recursos Hídricos.

Conteúdo

1 – Água

1.1 - Um Elemento da Biosfera

1.2 - Um Recurso Hídrico

2 - O Ciclo Hidrológico

2.1 - Elementos do ciclo hidrológico

2.1.1 - A Atmosfera

2.1.2 - Evapotranspiração

2.1.3 - Condensação atmosférica

2.1.4 - A precipitação

2.2 - A retenção superficial

2.2.1 - Infiltração

2.3 - Distribuição espacial da precipitação

2.4 - Escoamento das águas da chuva

2.5 - Secções do escoamento superficial

2.6 - A Bacia Hidrográfica

2.6.1 - Os Divisores

2.6.2 - Área de Drenagem

2.6.3 - Forma da Bacia

2.6.4 - Tempo de Concentração

2.6.4.1 - Tipo de Solo e Cobertura Vegetal

2.6.4.2 - Relevo e Declividade (Gradiente)

2.6.4.3 - Densidade de Drenagem

2.7 - Fatores Agravante das Enchentes

2.8 - A Evolução da Gestão dos Recursos Hídricos

2.8.1 - Um Breve Histórico da Evolução da Gestão dos Recursos Hídricos

Bibliografia Básica

GARCEZ, Lucas Nogueira; COSTA ALVAREZ, Guillermo. **Hidrologia**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: E. Blucher.

SILVA, Tarciso Cabral da & GADELHA, Lúcia M. **Bacias do Rio Gramame: hidrologia e aspectos ambientais para a gestão de seus recursos hídricos**. João Pessoa: Editora Universitária: UFPB.

TUCCI, C. E. M. **Hidrologia**. São Paulo: EDUSP.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Estatística

Carga Horária: 40h

Período: 4º

Ementa

Classificação de variáveis, Levantamento de Dados: Coleta; Apuração; Apresentação e análise de resultados. Séries Estatísticas. Distribuição de Freqüências. Análise de Gráficos Estatísticos. Medida de Tendência Centra. Medidas de Dispersão. Medidas Separatrizes. Medidas de Assimetria. Medidas de Curtose. Distribuição Normal e as distribuições Relacionadas. Intervalo de Confiança. Teste e Hipóteses.

Objetivos

- Introduzir tópicos fundamentais e específicos ao Ensino das Análises Exploratórias e Confirmatórias dos dados.
- Fornecer idéias básicas do método Estatístico, com aplicações de suas principais técnicas, necessárias na resolução de problemas específicos dos cursos de áreas Gerenciais.
- Desenvolver atitudes favoráveis na tomada de decisões.

Conteúdo

UNIDADE I: CONCEITOS INICIAIS

Definição de Estatística.

Amostra.

Tipos de variáveis – variáveis qualitativas (normais e ordinais), variáveis quantitativas (discretas e contínuas).

Levantamento de dados.

Coleta.

Apuração.

Apresentação.

Análise de resultados.

UNIDADE II: TIPOS DE SÉRIES ESTATÍSTICAS

Serie Histórica.

Serie Geografia.

Serie Específica.

Serie de Distribuição.

Serie Conjugada: Tabelas de Dupla Entrada.

UNIDADE III: DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS

Em colunas e em barras.

Em curvas.

Polar.

Cartograma.

Setores.

Histograma e polígono de frequências.

Ogivograma e ogiva de Galton.

UNIDADE V: MEDIDA DE TENDÊNCIAS CENTRAL

Média aritmética.

Dados não agrupados.

Desvio em relação a média.

Propriedades.

Dados agrupados: sem e com intervalos de classes.

Processo breve.

Emprego da média.

Moda.

Dados não agrupados.

Dados agrupados: sem e com intervalos de classes.

Emprego da moda.

Mediana.

Dados não agrupados.

Dados agrupados: sem e com intervalos de classes.

Emprego da mediana.

Posição relativa de média, mediana e moda.

Outros tipos de médias.

UNIDADE VI: MEDIDAS DE DISPERSÃO

Amplitude total.

Dados não agrupados.

Dados agrupados: sem e com intervalos de classes.

Variância.

Dados não agrupados.

Dados agrupados: sem e com intervalos de classes.

Processo breve.

Desvio padrão.

Dados não agrupados.

Dados agrupados.

Dados agrupados: sem e com intervalos de classes.

Processo breve.

Coeficiente de variação (índice de variação de KANDLER).

Bibliografia Básica

FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. **Curso de estatística**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINS, Gilberto de Andrade, DONAIRE, Denis. **Princípios de estatística**: 900 exercícios resolvidos e propostos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

Crespo, Antonio Arnot. **Estatística fácil**. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

FOX, Jack James Alan. **Estatística para as ciências humanas**. Prentice-Hall.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Organização e Gestão Pedagógica da Escola

Carga Horária: 60h

Período: 4º

Ementa

Projeto da instituição escolar enquanto alternativa política. Normas legais referentes à organização e gestão escolar numa leitura crítica. Atravessando as fronteiras das disciplinas: a questão da transversalidade em educação. Avaliação educacional.

Objetivos

Aprofundar os aspectos fundamentais da organização e funcionamento das organizações escolares a partir dos determinantes legais e/ou informais enquanto expressão da realidade sócio – político – cultural, considerando as seguintes questões: concepção de escola, de gestão, de burocracia, de participação, de trabalho e o projeto político da escola.

Conteúdo

I. Projeto institucional da escola:

- A cultura da organização escolar
- Políticas públicas e projeto institucional da escola
- Projeto institucional da escola enquanto alternativa política e decorrente de ação coletiva
- Projeto institucional da escola: leitura crítica

II. Currículo escolar: novos e velhos olhares:

- Disciplinaridade e transversalidade
- O conhecimento em redes
- O currículo oficial.

III. Avaliação Educacional:

- Avaliação institucional no contexto da realidade brasileira: seus princípios/fundamentos, limites e possibilidades.
- Projeto da instituição escolar: ações e compromissos assumidos.

Bibliografia Básica

GANDIN, Danilo; GANDIN, Luís Armando. **Temas para um projeto político-pedagógico**. 6. ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 2003.

HERNÁNDEZ, Fernando, VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. 5. ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.

LIBANEO, Jose Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. rev. e ampl. Goiânia: Alternativa, 2004.

VIEIRA, Sofia Lerche (Org.); CLAUDIA DAVIS ... [ET AL.]. **Gestão da escola: desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Dinâmica da População Mundial

Carga Horária: 60h

Período: 5º

Ementa

Teorias Demográficas; conceitos e indicadores sociais e demográficos; crescimento demográfico; o problema da fome; população e recursos naturais; distribuição da população mundial: fatores e implicações; estrutura da população: etária, sexual e ocupacional; a questão do desemprego; as desigualdades sociais nas suas implicações espaciais; o racismo e a xenofobia; mulher e mercado de trabalho; família e sexualidade.

Objetivos

- Refletir criticamente sobre a aproximação entre Demografia e Geografia através da Geografia da população: conteúdo e método.
- Discutir a Geografia da População como instrumento de análise e interpretação do mundo atual.
- Concluir sobre o sentido de uma Geografia da População: sua renovação ou superação.
- Analisar a população quanto à distribuição no espaço, sua dinâmica e composição, estabelecendo comparações entre população e desenvolvimento econômico.

Conteúdo

1. **Teorias demográficas**
2. **Conceitos e Indicadores Sociais e Demográficos**
3. **Crescimento Demográfico**
4. **O Problema da Fome**
5. **População e Recursos Naturais**
6. **Distribuição da População Mundial: fatores e implicações**
7. **Estrutura da População: etária, sexual e ocupacional**
8. **A Questão do Desemprego**
9. **As Desigualdades Sociais e suas Implicações Espaciais**

10. **Os Movimentos Migratórios: áreas, causas e implicações**
11. **O Racismo e a Xenofobia**
12. **Mulher e Mercado de Trabalho**
13. **Família e Sexualidade**

Bibliografia Básica

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 2a.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia**. São Paulo: Contexto, 2004

CASTRO, Iná Elias de (Org.); GOMES, Paulo Cesar da Costa (Org.); CORREA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Espaço Agrário Mundial

Carga Horária: 80h

Período: 5º

Ementa

A disciplina discute as relações entre Geografia e Agricultura, com seus principais temas, como: Escolas do pensamento da Geografia Agrária, Geografia Agrária e Ciências Afins; Agricultura e Recursos Naturais: potencialidades e limitações naturais à Agricultura, Exploração dos recursos e intensificação técnica; A dimensão sócio-econômica do Espaço Agrário: escala de produção e tecnologia agrícola, orientação comercial de produção, relações inter-setoriais da agricultura; Modernização Agrícola e Complexo Agro-Industrial: Agricultura científica: raízes da modernização, integração agricultura-indústria, Revolução Verde: difusão da modernização, A biotecnologia aplicada à agricultura; Perspectivas Contemporâneas da Agricultura: Problemas sociais e ecológicos da modernização, sistemas agrícolas alternativos; O Agro Poder: mercados agrícolas, relações comerciais, subsídios e relações norte-sul.

Objetivos

- Entender o espaço rural como origem das relações sociais humanas; - Diferenciar os processos atuantes no ambiente rural e urbano; - Reconhecer na paisagem rural os sintomas dos usos históricos dos ambientes; - Vivenciar, por meio de Trabalho Prático de Campo, as realidades do meio rural; - Possibilitar aos licenciandos a transposição didática do conteúdo acadêmico para a Educação Básica.

Conteúdo

- 1- **Ciência e ética na agricultura;**
- 2- **As Escolas do Pensamento da Geografia Agrária.**
- 3- **Agricultura e Recursos Naturais: as possibilidades de aproveitamento sustentável dos solos em escala mundial.**
- 4- **Recursos Naturais e tecnologia: os limites e avanços numa sociedade de massa.**
- 5- **Dimensão Sócio-econômica do Espaço Agrário:**

- Escala de produção e tecnologia agrícola.
- Orientação comercial de produção.
- Relações inter-setoriais da agricultura.

6- Modernização Agrícola e Complexo Agro-Industrial:

- Agricultura científica: raízes da modernização.
- Integração agricultura-indústria.
- Revolução Verde: difusão da modernização.
- A biotecnologia aplicada à agricultura.

7- Perspectivas contemporâneas da Agricultura:

- Problemas sociais e ecológicos da modernização;
- Os sistemas agrícolas alternativos: o associativismo.
- O agro-poder: mercados agrícolas, relações comerciais, subsídios e a relação norte-sul- quem ganha esta briga?

8. Os CAI's

Bibliografia Básica

CASTRO, Iná Elias de (Org.), MIRANDA, Mariana, EGLER, Cláudio Antonio Gonçalves. **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Silva, Jose Graziano da. **O que e questão agrária.** 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROSA, Antônio Vitor. **Agricultura e meio-ambiente.** Atual Editora.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Tecnologia e Espaço

Carga Horária: 60h

Período: 5º

Ementa

A “compressão espaço-tempo” – as mudanças do paradigma fordista-keynesiano para a “acumulação flexível”. O papel da tecnologia nas transformações sócio-econômicas. As interações espaciais: pequeno histórico do processo. Interações espaciais e a lógica do capitalismo. Teorias clássicas de localização. As teorias para explicar a “distância” entre países pobres e ricos. A defasagem tecnológica entre os países e as perspectivas para o século XXI

Objetivos

A partir da compreensão que através do desenvolvimento da tecnologia o capitalismo foi o tempo dominando a distância até chegar ao modelo atual de “acumulação flexível” a disciplina pretende mostrar as contradições e diversas interfaces desse processo de interação espacial a nível mundial, onde a tecnologia não pode ser entendida como neutra, por isso resulta-se as relações Norte-Sul e a problemática desse processo para o século XXI.

Conteúdo

1- Introdução

- A “compressão espaço-tempo” – as mudanças do paradigma fordista-keynesiano para a “acumulação flexível”.
- O papel da tecnologia nas transformações sócio-econômicas: da máquina a vapor a nanotecnologia.
- Tecnologia e trabalho humano: as contradições do processo como relação social.

2- Os fundamentos e as teorias clássicas de localização:

- As interações espaciais: pequeno histórico do processo.
- Interações espaciais e a lógica do capitalismo.
- A questão da distância: custos de transporte, minimização de custos e maximização de lucros; distribuição dos produtos.

- Alguns exemplos das teorias clássicas.

3- Tecnologia, espaço e Terceiro Mundo.

- A “descoberta” do subdesenvolvimento.
- As teorias para explicar a “distância” entre países pobres e ricos.
- Urbanização e espaço do Terceiro Mundo.
- A defasagem tecnológica entre os países e as perspectivas para o século XXI.

Bibliografia Básica

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

CASTRO, Iná Elias de (Org.); GOMES, Paulo Cesar da Costa (Org.); CORREA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FIORI, José Luis. **Brasil no espaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Biogeografia

Carga Horária: 80h

Período: 5º

Ementa

A palavra biogeografia quer dizer geografia da vida ou distribuição geográfica dos seres vivos. Os biogeógrafos são aqueles que tentam compreender os diferentes padrões de distribuição dos animais e plantas. Para tanto buscam reconstruir estes padrões, unindo a história da Terra em diferentes escalas espaciais e temporais à história das formas dos seres vivos, ou seja entender como se processaram as modificações morfológicas de animais e plantas, quais suas causas e como isso aparece refletido no espaço geográfico. (*ANGELO FURLAN, Sueli - "Biogeografia: conceito e bases teóricas"*)

A biogeografia é o ramo do conhecimento que se dedica ao estudo das distribuições geográficas dos organismos. Pode ser dividida em: biogeografia ecológica (estudo dos fatores ambientais que determinam a distribuição dos organismos) e biogeografia histórica (estudo da distribuição espacial e temporal dos seres vivos com base em fatores históricos).

Objetivos

- Apresentar a inter-relação existente entre o espaço e a vida que nele existe, sem desta forma desprestigiar nenhuma delas, preservando suas dimensões, tanto dentro de uma análise geográfica da vida, quanto como elemento que mantém uma inter-relação com o ambiente.
- Promover que o corpo discente reconheça a Biosfera como lócus da compreensão da Biogeografia, identificando as causas da evolução da distribuição dos seres vivos no ambiente da Biosfera, tanto em aspecto temporal quanto espacial, discutindo o caráter interdisciplinar da Biogeografia, promovendo um encontro entre as abordagens Geográficas e Biológicas. Vivenciar, através de trabalho prático de campo, as relações entre a Biogeografia, a conservação da natureza e o planejamento ambiental, situando assim as várias abordagens biogeográficas no tempo e no espaço, compreendendo os princípios básicos da evolução, e da ecologia, envolvidos na interpretação biogeográfica, e dentro desta análise discutir os modelos interpretativos da relação espaço/vida em variadas escalas de interpretação das paisagens constituídas.

Conteúdo

1 - Introdução a Biogeografia

- 1.1 - O Espaço e a Vida em Fluxo
- 1.2 - Os Elementos da Biosfera
- 1.3 - A Inter-relação dos Elementos da Biosfera

2 - Aspectos Espaço-Temporal da Evolução da Biosfera

- 2.1 - Os Fatores da Biosfera
 - 2.1.1 - Fatores Limitantes
 - Fatores Espaciais e Temporais em Escala Geológica
 - 2.1.2 - Fatores Determinantes
 - Fatores Espaciais e Temporais em Escala Geológica
- 2.2 - A Biosfera como produto da evolução Espaço-Temporal

3 - As Escalas de Observação da Biosfera

- 3.1 - Os Biomas Mundiais
- 3.2 - Os Biomas Brasileiros
- 3.3 - Os Ecossistemas Brasileiros
- 3.4 - As Regiões Biogeográficas

Bibliografia Básica

ROSS, Jurandy L. Sanches (Org.). **Geografia do Brasil**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

GUERRA, Antonio José Teixeira (Org.); CUNHA, Sandra Baptista da. **Geomorfologia e meio ambiente**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

RICKLEFS, Robert. **A economia da natureza**: um livro-texto em ecologia básica. Tradução de Cecília Bueno, Pedro P. de Lima e Silva. 3. ed.rev.e atual Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Organização e Gestão de Ambientes de Aprendizag. de Geografia I

Carga Horária: 60h

Período: 5º

Ementa

O espaço escolar no contexto geo-histórico-social contemporâneo. Princípios norteadores da construção de ambientes de aprendizagem escolar: o paradigma centrado na aprendizagem, o *aprender a pensar* e *aprender a aprender*, a concepção não-disciplinar do conhecimento, os múltiplos olhares das Diretrizes Gerais dos Parâmetros Curriculares Nacionais. O processo de elaboração e desenvolvimento do plano da ação pedagógica: a preparação, a gestão e a avaliação e utilização de O diálogo enquanto método de reflexão. A interação docente e as tecnologias interativas da informação e comunicação.

Objetivos

- Compreender que a educação decorre da comunicação humana e que ambos (a) constituem processos de intervenção nos espaços sociais e (b) consideram o diálogo método de conduzir o homem à reflexão.
- Refletir sobre o processo de aprendizagem escolar no contexto do capitalismo globalizado¹⁵, tendo a compreensão de que os conhecimentos em suas diferentes modalidades constituem frutos da construção humana, inseridos em um processo histórico-cultural-social e que a ciência e tecnologias também constituem parte integrante da cultura contemporânea.
- Compreender a relevância da interação entre o pensar e o agir enquanto metodologia, ou seja, enquanto forma de vivenciar situações de aprendizagem que buscam superar as dificuldades apresentadas.
- Compreender as situações vivenciadas pelos alunos nos ambientes de aprendizagem como decorrentes das propostas pedagógicas docentes e do plano de gestão escolar, articulados com a concepção de educação pretendida.
- Elaborar planos de trabalho docente com metodologias apropriadas para o desenvolvimento de determinada temática que, tendo como referência a aprendizagem, também valorizem o processo de construção coletiva e a transversalidade dos saberes.

¹⁵ O que significa a rejeição da lógica de exclusão inerente ao ideário da globalização em cuja arquitetura filosófica os discursos de “liberdade”, “solidariedade” e “identidade” são testemunhados, de modo manipulador, à medida que se percebe que apenas o mercado continua livre, que a solidariedade é substituída pela competitividade e a identidade por individualismo e egoísmo.

- Refletir sobre mediações pedagógicas que ultrapassem o espaço físico da aula, construindo formas alternativas de organizar e gestar ambientes de aprendizagem.
- Apresentar um posicionamento crítico frente às questões didático-pedagógicas atuais com a finalidade de buscar alternativas de intervenção, frente à problemática existente através de um processo pedagógico participativo e permanente.
- Analisar a avaliação da aprendizagem escolar entendendo-a como parte inerente ao ato de aprender.

Conteúdo

1. O espaço social de uma instituição escolar

- 1.1 A escola no contexto geo-histórico-social.
- 1.2 A ciência e a tecnologia enquanto produtos culturais de um tempo histórico.
- 1.3 A escola enquanto espaço mediático.
- 1.4 A comunicação educativa e a relação dialógica enquanto processos de intervenção nos espaços sociais.

2. Ambiente de aprendizagem: princípios básicos

- 2.1 Paradigma da educação escolar centrado na aprendizagem.
- 2.2 *O aprender a pensar e aprender a aprender.*
- 2.3 Concepção não-disciplinar do conhecimento: o conhecimento em rede e a transversalidade dos saberes.
- 2.4 Diretrizes gerais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Ciências Naturais 5ª a 8ª série): múltiplas leituras do discurso oficial.

3. O planejamento didático de ambientes de aprendizagem:

- 4.1 O compromisso com a ação na preparação, no desenvolvimento e na avaliação da ação educativa.
- 4.2 A interação entre o pensar e agir como metodologia de planejamento e gestão da aula.
- 4.3 O processo da criação do espaço-temporal de ambientes de aprendizagem e a elaboração de metodologias apropriadas à aprendizagem de Ciências no Ensino Fundamental (5ª a 8ª série).
- 4.4. As diferentes vozes da avaliação da aprendizagem: usos e abusos.

Bibliografia Básica

ALVES, Nilda (Org.); GARCIA, Regina Maria Leite. **O sentido da escola**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Dinâmica da População Brasileira

Carga Horária: 80h

Período: 6º

Ementa

A distribuição espacial da população: fatores e implicações; Crescimento demográfico e Transição demográfica; Mudanças recentes na demografia brasileira e suas implicações sócio-espaciais: urbanização, queda nas taxas de fecundidade e envelhecimento da população; Composição sexual, etária e ocupacional; Trabalho e mercado de Trabalho; Mobilidade espacial da população brasileira numa perspectiva histórica.

Objetivos

- Discutir a Geografia da População como instrumento de análise e interpretação do Brasil atual
- Analisar a população brasileira quanto à distribuição no espaço, sua dinâmica e composição, estabelecendo comparações entre população e desenvolvimento econômico.

Conteúdo

- 1. A distribuição espacial da população: fatores e implicações**
- 2. Crescimento demográfico e Transição Demográfica**
- 3. Mudanças recentes na demografia brasileira e suas implicações sócio-espaciais: urbanização, queda nas taxas de fecundidade e envelhecimento da população**
- 4. Composição sexual, etária e ocupacional**
- 5. Trabalho e mercado de trabalho**
- 6. Mobilidade espacial da população brasileira numa perspectiva histórica**

Bibliografia Básica

CASTRO, Iná Elias de (Org.), GOMES, PAULO CESAR DA COSTA (Org.), CORREA, ROBERTO LOBATO (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia**. São Paulo: Contexto, 2004.

ROSS, Jurandy. **Geografia do Brasil**. São Paulo: EDUSP.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Espaço Agrário Brasileiro

Carga Horária: 80h

Período: 6º

Ementa

A questão agrária no Brasil numa perspectiva histórica: do sistema de sesmarias à atualidade; A industrialização da Agricultura brasileira e seus impactos sócio-espaciais; O papel da agricultura familiar num contexto de modernização; Estrutura fundiária; Relações de produção e trabalho no campo; A produção agropecuária no Brasil: produção, mercados e distribuição; As fronteiras Agrícolas; Movimentos Sociais no Campo e a Reforma Agrária; A questão agrária no norte-fluminense: caracterização, relações de produção e trabalho, a crise do setor canavieiro e as perspectivas atuais.

Objetivos

- Analisar a evolução história da posse e ocupação da propriedade da terra no Brasil.
- Entender o jogo de forças políticas que determinaram a ocupação do solo brasileiro.
- Identificar os personagens sociais centrais do campo brasileiro e como foi estruturada a relação entre eles
- Entender os processos conservadores de transformação do campo brasileiro a partir da modernização conservadora
- -Entender as razões históricas dos conflitos que permeiam a história social do país.

Conteúdo

1- A Formação do Espaço Agrário Brasileiro.

1.1- O regime Jurídico da terra.

- As capitâneas hereditárias
- O regime das Sesmarias
- Os foros.

1.2- O espaço Agrário no Período Imperial

- O regime de posses.
- As obrigações militares e o cerceamento à pequena propriedade.
- A lei de Terras de 1850.

- A consolidação do latifúndio exportador.

1.3- O espaço dos Coronéis.

- Terras devolutas sob controle dos Estados.
- Intensificam-se as expropriações.
- A resistência camponesa.
- Canudos no Sertão da Bahia.
- Contestado, no Centro-Sul.

1.4- A Crise da Agroexportação e a Articulação dos Movimentos Sociais no Campo.

- Os trabalhadores rurais e o “pacto” do Estado Novo
- Acumulação com super-exploração.
- As ligas camponesas: reação dos pobres do campo.

1.5- As Reformas de Base e o Estatuto do Trabalhador Rural.

- Reforma Agrária como fundamento do modelo.
- A oposição do Capital.
- O ETR e a “saída” dos latifundiários.

A generalização do trabalho temporário na agricultura.

1.6- A Expansão do Capitalismo no Campo.

- A questão agrária na ditadura.
- O Estatuto da Terra e suas implicações.
- A expansão do capitalismo no campo: a Revolução Verde.
- Repressão, modernização e a questão agrária.

1.7- O Fracasso da Colonização e a Reação Camponesa.

- O retorno das frentes de “expansão”.
- A luta pela terra nos próprios estados.
- Criação da CPT e articulação das lutas no campo.
- O surgimento do MST: reforma agrária, uma luta de todos.

2- A Ocupação Agrícola no Brasil

2.1- A Modernização Agrícola.

- A reestruturação do setor agrário a partir dos anos 50.
- O papel estratégico da agricultura
- O incremento às exportações, redução do custo alimentar e integração com a indústria.
- A ação dos Complexos agroindustriais.

2.2- O Desempenho da Agricultura nos anos 1980.

- Intensificação do uso de novas tecnologias.
- Agricultura familiar marginalizada.
- Aumento da Concentração de terras, da pobreza no campo e do êxodo rural.
- População rural dos anos 1950 a 1990 – uma comparação.
- A degradação ambiental e as técnicas utilizadas.

2.3- A Ocupação na Atividades Agrícolas.

- Anos 60 e 70 expansão de fronteiras e incorporação de assalariados.
- Anos 80 e 90: o declínio da ocupação rural no Brasil.
- Expansão de culturas temporárias voltadas para exportação.
- Liberalização dos anos 90 e seus efeitos na agricultura.
- Redução dos postos de trabalho e baixos rendimentos no campo.

3- A Estrutura Fundiária do Brasil.

3.1- Os Dados da Desigualdade.

- A concentração absoluta da terra com base no índice de Gini.
- Propriedades improdutivas X trabalhadores sem-terra.
- Política de assentamentos X reforma agrária: uma polêmica.

3.2- A Lei de Terras de 1993.

- A elaboração do conceito de módulo fiscal.
- A definição dos tipos de propriedade.
- Os avanços registrados.
- As dificuldades no cumprimento da lei.

4- Um Enfoque Teórico sobre Questão Agrária.

4.1- A Questão Agrária Brasileira e a Luta pelo Socialismo.

- Os diagnósticos da direita, da CEPAL e dos socialistas.

4.2- A Questão Agrária no Limiar do Século XXI.

- Reflexões para o estudo da questão agrária.
- A luta pela terra no limiar do século XXI.

4.3- Particularidades da Agricultura no Desenvolvimento Econômico.

- Uma abordagem regulacionista: agricultura e Estado do Bem Estar Social.
- A agricultura e a reprodução da força de trabalho no capitalismo.
- As perspectivas da agricultura familiar no centro e na periferia do capitalismo.

Bibliografia Básica

CASTRO, Iná Elias de (Org.), GOMES, Paulo Cesar da Costa (Org.), CORREA, ROBERTO LOBATO (Org.). **Brasil: questões atuais da reorganização do território.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A geografia das lutas no campo.** 9. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

ROSS, Jurandyr L. Sanches (Org.). **Geografia do Brasil.** 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

STEDILE, João Pedro. **A questão agrária hoje.** Porto Alegre: UFRS.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Modernização Tecnológica do Espaço Brasileiro: Energia e Indústria

Carga Horária: 60h

Período: 6º

Ementa

Análise da implantação e expansão geográfica da indústria brasileira a partir da segunda metade do século XIX; desenvolvimento da economia agrária., exportadora e suas influências no processo de industrialização e distribuição espacial da indústria no Brasil; mudanças nas relações entre os homens e destes com o território a partir da evolução das técnicas na indústria; as formas de apropriação dos recursos naturais e das fontes de energia tradicionais; a necessidade de criar fontes de energia alternativas; a urbanização brasileira e sua relação com o consumo de energia no Brasil; a energia hidráulica e o petróleo consideradas as maiores fontes energéticas consumidas no Brasil; os efeitos do uso de diversas fontes de energia no meio ambiente.

Objetivos

- Levar os alunos a pesquisar o processo de industrialização brasileira sob vários autores, identificando os diversos fatores que interferiram nesse processo.
- Caracterizar as fontes de energia encontradas no Brasil, relacionando com os investimentos do Governo no setor energético.
- Identificar as fontes de energia alternativa que têm potencial de uso no Brasil.

Conteúdo

1. Implantação da indústria no Brasil (2ª metade do século XIX).

- 1.1. A economia agrário-exportadora.
- 1.2. As indústrias de “fundo de quintal”.
- 1.3. O Sudeste e o Sul do Brasil.
- 1.4. O processo de Urbanização.
- 1.5. O Transporte ferroviário.
- 1.6. A mão-de-obra livre (imigrante).

2. A industrialização brasileira (1ª metade do séc. XX).

- 2.1 O Estado e o processo de industrialização.
- 2.2. “Substituição de importações”.
- 2.3. A crise de 1929 e a crise do café.
- 2.4. A Revolução de 1930.

3. A Política Nacionalista de Vargas.

3.1 Implantação da Indústria de Base.

3.2 Aumento do consumo de energia e importantes investimentos no setor.

4. Desenvolvimentismo e Internacionalização.

4.1 Indústria de bens de consumo duráveis.

4.2 Formação do “Tripé” da industrialização brasileira.

5. O subdesenvolvimento industrializado.

5.1 As multinacionais.

5.2 A urbanização acelerada.

5.3 O Crescimento da classe média e do proletariado urbano.

6. Produção e consumo de energia no Brasil.

6.1 A energia Primária.

6.2 Industrialização – Urbanização – consumo energético – meio ambiente (década de 1980).

6.3 As privatizações no setor de geração e transmissão de energia hidrelétrica (a partir da década de 1980)

Bibliografia Básica

MENDONÇA, Sonia Regina de. **Estado e economia no Brasil**: opções de desenvolvimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Geografia Física do Brasil

Carga Horária: 80h

Período: 6º

Ementa

Considerações iniciais acerca do estudo da Geografia Física do Brasil; As estruturas geológicas e formas do relevo brasileiro; As unidades do relevo brasileiro segundo diferentes classificações; Erosão e degradação dos solos no Brasil; O mecanismo dos climas no Brasil; Os grandes domínios vegetais (biomas) e a atuação humana sobre os mesmos; As bacias hidrográficas brasileiras: aspectos, aproveitamento econômico e impactos sócio-ambientais.

Objetivos

- Identificar e explicar os diversos aspectos do meio físico do território brasileiro.
- Relacionar as dinâmicas do meio físico brasileiro (clima, solo, relevo, vegetação, hidrografia) às formas de ocupação do território.
- Caracterizar o território brasileiro de acordo com suas regiões e sub-regiões naturais.

Conteúdo

1- Bases Conceituais.

2- Introdução à Geografia Física.

- Revisão dos conceitos geológicos de formação do planeta.

3- A Geologia Brasileira:

- Estrutura geológica e formas do relevo brasileiro.

- As unidades do relevo brasileiro segundo diferentes classificações;

4- Geomorfologia do Brasil:

- revisão dos conceitos geomorfológicos continentais, fluviais e costeiros.

5- Solos Brasileiros: tipos, utilização, degradação e conservação.

6- Biogeografia do Brasil: os principais biomas brasileiros.

7- Introdução à climatologia do Brasil: domínios morfoclimáticos brasileiros.

8- Meio Físico Brasileiro: potencialidades e restrições de uso.

9- Problemas ambientais brasileiros.

Bibliografia Básica

ADAS, Melhem. **Panorama geográfico do Brasil**. 2. ed. rev. e ampl. Sao Paulo: Moderna, 1985.

GUERRA, Antonio José Teixeira (Org.); CUNHA, Sandra Baptista da. **Geomorfologia e meio ambiente**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Organização e Gestão de Ambientes de Aprendizag. de Geografia II

Carga Horária: 60h

Período: 6º

Ementa

As relações intra e interpessoais no cotidiano da aula no Ensino Médio. O planejamento escolar e o compromisso com a ação: a preparação, o desenvolvimento e avaliação. A organização temporal e espacial das atividades. A seleção e utilização de metodologias apropriadas ao desenvolvimento da temática selecionada. A ação docente e as tecnologias interativas da informação e comunicação.

Objetivos

A disciplina se propõe a possibilitar a efetivação da prática docente nos licenciandos a partir da elaboração de planos de trabalho e aulas teórico-práticas sob a supervisão do professor da disciplina.

Conteúdo

I. Organização e gestão do ambiente de aprendizagem.

- Concepção não-disciplinar do conhecimento: a questão da transversalidade.
- O processo da criação espaço-temporal de ambientes de aprendizagem.
- Os múltiplos olhares de um mesmo texto, na busca de propostas alternativas, a partir da re-leitura das Diretrizes Gerais dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

II. As diferentes vozes da avaliação da aprendizagem: usos e abusos

III. A ação docente e as tecnologias interativas da informação e comunicação:

- A mediação tecnológica em espaços educativos: a produção do sentido provocando a aprendizagem.

Bibliografia Básica

RUA, João. **Para ensinar geografia**: contribuição para o trabalho com o 1º e 2º graus. Rio de Janeiro: Access Editora, 1993.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: SEMTEC, 2002.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Modernização Tecnológica do Espaço Brasileiro: redes de comunicação, serviços e transportes

Carga Horária: 60h

Período: 7º

Ementa

O conceito de região; as divisões regionais do Brasil em diferentes épocas; a divisão regional brasileira; a divisão regional brasileira e os aspectos culturais; a divisão em complexos regionais: Centro-Sul, Nordeste e Amazônia; as regiões brasileiras nas aulas de Geografia.

Objetivos

- Caracterizar os tipos de transportes existentes no Brasil, explicando sua evolução ao longo do processo histórico.
- Relacionar a industrialização e a urbanização ao desenvolvimento do setor de comunicações e serviços no Brasil durante o século XX e início do XXI.

Conteúdo

1. Histórico sobre o sistema de transportes no Brasil no século XIX.

- 1.1. Implantação e crescimento do transporte ferroviário.
- 1.2. A importância dos portos.
- 1.3. A criação do transporte rodoviário.

2. Breve histórico sobre os transportes no Brasil.

- 2.1. Transporte rodoviário
- 2.2. Transporte ferroviário
- 2.3. Transporte aéreo
- 2.4. Transporte metroviário.

3. Modais de transportes no Brasil.

4. Privatizações no setor de transporte rodoviário e ferroviário.

5. As telecomunicações no Brasil (a evolução do setor durante o século XX).

5.1. As telecomunicações no Brasil após as privatizações.

6. O setor de serviços e sua evolução a partir da segunda metade do século XX, em meio ao processo de industrialização e urbanização.

Bibliografia Básica

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Urbanização Brasileira

Carga Horária: 60h

Período: 7º

Ementa

O processo de produção do espaço-urbano no Brasil. O crescimento intensivo das cidades brasileiras. A relação campo-cidade. A urbanização em cada macro região brasileira. A metropolização e os problemas das metrópoles brasileiras. As cidades médias: evolução e tendências. Perspectivas da urbanização brasileira.

Objetivos

- Analisar o processo histórico da produção do espaço urbano brasileiro.
- Caracterizar a urbanização brasileira após 1950.
- Debater sobre a relação campo-cidade.
- Analisar a urbanização nas macro-regiões brasileiras.
- Compreender os fenômenos da metropolização e da desmetropolização.
- Discutir a questão das cidades médias brasileiras.
- Caracterizar as tendências da urbanização brasileira

Conteúdo

- 1- O crescimento das cidades brasileiras até 1950.
- 2- O processo de urbanização no Brasil após 1950.
- 3- Complexidade e diversificação da urbanização brasileira.
- 4- O rural e o urbano no Brasil.
- 5- A urbanização por regiões.
- 6- Metropolização.
- 7- Desmetropolização e “involução” metropolitana: os casos de São Paulo e Rio de Janeiro.
- 8- Cidades médias no Brasil: evolução e tendências.
- 9- Tendências da urbanização brasileira.

Bibliografia Básica

CASTRO, Iná Elias de (Org.), GOMES, PAULO CESAR DA COSTA (Org.), CORREA, ROBERTO LOBATO (Org.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia**. 5. ed São Paulo: Contexto, 2001.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Dinâmica Regional Brasileira

Carga Horária: 80h

Período: 7º

Ementa

O conceito de região; as divisões regionais do Brasil em diferentes épocas; a divisão regional brasileira; a divisão regional brasileira e os aspectos culturais; a divisão em complexos regionais: Centro-Sul, Nordeste e Amazônia; as regiões brasileiras nas aulas de Geografia.

Objetivos

- Introduzir o método regional na formação do professor de Geografia.
- Analisar o conceito de região.
- Compreender a divisão regional do Brasil em diferentes épocas.
- Discutir a divisão regional adotada pelo IBGE, os aspectos culturais e a divisão em complexos regionais.
- Analisar como os livros didáticos abordam a divisão regional brasileira.

Conteúdo

- 1- O conceito de região**
- 2- Os recortes regionais brasileiros em diferentes épocas.**
- 3- A divisão regional adotada pelo IBGE: as cinco macro-regiões.**
- 4- Seminários: desigualdades, crescimento recente, mercado de trabalho, características econômicas nas cinco macro-regiões oficiais.**
- 5- A divisão regional e os aspectos culturais.**
- 6- A divisão do Brasil em complexos regionais.**
- 7- Centro-Sul**
- 8- Nordeste**
- 9- Amazônia**
- 10- As regiões Brasileiras nas aulas de Geografia.**

Bibliografia Básica

CASTRO, Iná Elias de (Org.), GOMES, Paulo Cesar da Costa (Org.), CORREA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CORREA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CASTRO, Iná Elias de (Org.); GOMES, Paulo Cesar da Costa (Org.); CORREA, Roberto Lobato. **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Tópicos de História do Brasil

Carga Horária: 60h

Período: 7º

Ementa

Discussão das principais questões da história brasileira, no que se refere aos elementos econômicos, sociais, políticos e culturais, objetivando a percepção da formação histórica do espaço brasileiro.

Objetivos

- Identificar os principais processos históricos constitutivos da sociedade brasileira.
- Discutir as principais questões da história brasileira, no que se refere aos elementos econômicos, sociais, políticos e culturais.
- Desenvolver a percepção histórica da construção do espaço brasileiro.

Conteúdo

1- O papel da disciplina Tópicos de História do Brasil no Curso de Geografia.

- 1.1- Da história factual à história temática.
- 1.2- Uma visão global da história do Brasil.

2- Política.

- 2.1- Os tradicionais nódulos da história política brasileira: novas interpretações (independência, proclamação da República, golpe de 1964, implantação da Nova República.
- 2.2- As Constituições brasileiras.
- 2.3- Formas de Governo: monarquia constitucional, república presidencialista, república parlamentarista, ditadura.
- 2.4- A República brasileira atual: a democracia e seus limites.
- 2.5- Os recentes governos brasileiros: Collor, Itamar, FHC e Lula.
- 2.6- Questões de política internacional.
 - 2.6.1- Questões de fronteira.
 - 2.6.2- O Brasil no contexto mundial de inícios do século XXI.

3- Questões Sociais

3.1- O trabalho escravo, a abolição da escravatura e o trabalho assalariado.

3.2- Movimento operário.

4- Questões Culturais

4.1- A cultura europeia e sua influência desde a colonização

4.2- Os principais movimentos da cultura brasileira: a semana de arte moderna; o tropicalismo; o rock nacional.

5- A produção histórica dos mapas do Brasil.

6- Questões econômicas

6.1- A Estrutura econômica brasileira

6.2- As principais conjunturas econômicas

6.3- Políticas econômicas implantadas: liberalismo, estado de bem-estar-social e neoliberalismo

6.4- Industrialização:

6.4.1- O surto industrial do século XIX

6.4.2- A industrialização no início do século XX: a implantação das indústrias de DII

6.4.3- A industrialização na Era Vargas: a implantação das indústrias do DI

6.4.4- A industrialização no período de JK: a implantação das indústrias do DII

6.4.5- As relações capital nacional X capital internacional.

6.5- Questões Agrárias

6.5.1- A distribuição de terras: capitanias hereditárias, sesmarias, leis de terras e os modelos de reforma agrária.

6.6- Economia na Região Norte-Fluminense.

Bibliografia Básica

BECKER, Bertha K. (Bertha Koiffman), EGLER, Cláudio Antonio Gonçalves. **Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo.** 3. ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MAZZEO, Antonio Carlos. **Burguesia e capitalismo no Brasil.** São Paulo: Ática, 1988.

MENDONÇA, Sonia Regina de. **Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento.** 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

MENDONCA, Sonia Regina de. **A industrialização brasileira.** 3. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Organização Interna das Cidades

Carga Horária: 60h

Período: 8º

Ementa

A produção social do espaço urbano: atores e conflitos; As formas e os processos do Urbano: a cidade vista por dentro; Análise crítica das propostas de intervenção no espaço urbano: para quem? Para quê?; A importância dos espaços públicos para o exercício da cidadania e da democracia; O debate público X privado no espaço urbano; Cidade, consumo e moradia; questões intra-urbanas em Campos (ou aplicando o que foi estudado ao caso da nossa cidade).

Objetivos

- Compreensão dos interesses e formas de atuação dos agentes que contribuem para a produção do espaço urbano bem como os conflitos daí decorrentes.
- Identificação das formas que compõem o espaço urbano.
- Análise crítica das propostas de intervenção no urbano tendo em vista as seguintes questões: intervenção para quê? Para quem? Quais os objetivos declarados e ocultos.
- Discutir o embate entre público e privado no espaço urbano.
- Compreensão/análise das contribuições que a geografia pode dar ao debate sobre democracia e cidadania.
- Discutir o problema da moradia nas cidades.
- Levantamento, análise e tratamento de dados referentes a problemas emergentes no espaço intra-urbano em Campos.

Conteúdo

1- Considerações Iniciais:

- Os agentes produtores do Espaço Urbano.

2- Processos e Formas Espaciais.

- Centralização e Área Central.
- Descentralização e Núcleos Secundários.
- Segregação Espacial.

3- As Intervenções no Urbano.

- Revitalização e Planejamento: entre a reprodução do capital e das condições de vivência do cidadão.
- A “gentrificação” do espaço.
- O dilema público X privado na produção do Espaço Urbano.
- O espaço público: apropriação privada e recuo da cidadania.

4- Cidade, consumo e moradia.

- As formas de comércio.
- O consumo do espaço urbano.
- A questão da moradia.

5- Questões intra-urbanas em Campos.

- A questão da especulação imobiliária.
- Condomínios: espaços utópicos?
- Processo de verticalização.
- O problema das favelas.
- O que fazer com o centro da cidade?
- The Pelinca's way of life.

Bibliografia Básica

CASTRO, Iná Elias de (Org.); GOMES, Paulo Cesar da Costa (Org.); CORREA, Roberto Lobato. **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

MARICATO, ERMINIA; LOCONTE, WANDERLEY (Coord.). **Habitação e cidade**. 3. ed. São Paulo: Atual, 1998.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Gestão do Território

Carga Horária: 60h

Período: 8º

Ementa

Planejamento e políticas públicas. A relação Estado/Sociedade e a formulação de políticas públicas. Políticas de desenvolvimento local. A articulação das diferentes escalas territoriais. As diversas correntes/abordagens do desenvolvimento local: das cidades estratégicas ao princípio da economia solidária. Descentralização e território: o pacto federativo brasileiro. Os caminhos do desenvolvimento local no Brasil.

Objetivos

O processo de globalização e a chamada “crise” do Estado-Nação colocam na ordem do dia novas formas de políticas públicas e gestão do território. A disciplina pretende analisar todo esse processo com principal ênfase às teorias do desenvolvimento local, nas suas diferentes concepções, e uma análise da realidade brasileira, onde a Constituição de 1988 colocou um novo papel para as políticas públicas dos entes federativos sub-nacionais.

Conteúdo

1- Planejamento e políticas públicas.

- A relação Estado/sociedade e a formulação de políticas públicas.
- A evolução da cidadania e as origens do planejamento.
- Globalização, crise do estado-nação e políticas públicas.

2- Políticas de desenvolvimento local.

- A articulação das diferentes escalas territoriais.
- O lugar das cidades na reestruturação econômica atual.
- As diversas correntes/abordagens do desenvolvimento local: das cidades estratégicas aos princípios da economia solidária.

3- Descentralização e território: o pacto federativo brasileiro.

- A constituição de 1988 e o poder descentralizado.
- A “reforma” do Estado e a reconcentração de poder.
- A “guerra fiscal” e a crise dos estados e municípios brasileiros.

4- Os caminhos do desenvolvimento local no Brasil.

- Modalidades de desenvolvimento local no Brasil.
- Experiências de municípios brasileiros com desenvolvimento local.

- Royalties, Campos e Norte Fluminense: o que está acontecendo?

Bibliografia Básica

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

CASTRO, Iná et al . **Brasil**: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertand Brasil.

PLANO DE ENSINO

Disciplina: Geografia do Estado do Rio de Janeiro

Carga Horária: 60h

Período: 8º

Ementa

As transformações econômicas sociais do espaço fluminense. A regionalização do estado. A questão natureza e sociedade nas diferentes regiões fluminenses. O papel da região metropolitana.

Objetivos

Analisar a realidade espacial fluminense a partir das transformações sócio-econômicas no decorrer dos séculos XIX e XX.

Conteúdo

1. A construção espacial do Rio de Janeiro.

- Formação Sócio-Espacial do Estado do Rio de Janeiro.
- Unidades Ambientais no Estado do Rio de Janeiro.

2. A unidade e diversidade espacial do Rio de Janeiro

- Estado e Políticas Territoriais no Rio de Janeiro.
- Metropolização e Interioridade no Estado do Rio de Janeiro.
- Diferenciação de Áreas e Critérios de Ordenamento Territorial no Rio de Janeiro.

3- O processo de fusão entre o Estado do Rio de Janeiro e a Guanabara.

- A fusão autoritária: características e conseqüências.

4- A identidade do Estado do Rio de Janeiro: o Estado partido

5- O projeto político do Estado do Rio de Janeiro: de Chagas Freitas à Garotinho.

6- Principais características da Região Metropolitana: população, concentração e problemas.

7- Divisão regional:

- O Norte-Fluminense.

- O Noroeste Fluminense.

- O Sul Fluminense.

- A Região Serrana.

8- A crise econômica no Estado do Rio de Janeiro.

9- A rede de transportes do Estado.

10- A inovação tecnológica no Estado.

Bibliografia Básica

VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Roberto Saturnino. **Geografia do Rio em quatro posições**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FERNANDO OTÁVIO DE FREITAS PEREGRINO [ET AL.] (Org.). **IDH: bússola: estabelecendo prioridades em políticas públicas através de indicadores de desenvolvimento humano: longevidade, educação, renda, infância....** Rio de Janeiro: Litteris, 2001.

ANEXO 2: CORPO DOCENTE

Docente	Titulação	Disciplinas
Ana Beatriz Machado Alves	Especialista em História	Dinâmica da População Brasileira Dinâmica da População Mundial
Celso Acácio Galaxe de Almeida	Mestrado em Educação	Economia Política Espaço Agrário Brasileiro
Celso Vicente Mussa Tavares	Mestrado em Geografia	História e Teoria do Pensamento Geográfico Processos de Mundialização Redes Ilegais da Globalização
Cibele Daher Botelho Monteiro	Mestrado em Cognição e Linguagem	Contexto da Instituição Escolar: Produção e Gestão do Conhecimento
Denise de Amorim Braga Boynard	Especialista em Educação Infantil e em Psicopedagogia	Prática Pedagógica V Prática Pedagógica VI. Prática Pedagógica VII. Prática Pedagógica VIII.
Dircéa Branco de Menezes Gomes	Mestrado em Sociologia	Sociologia Antropologia Espaço Agrário Mundial
Eduardo de Sá Portela	Especialista em Planejamento Regional e Gestão de Cidades	Urbanização Brasileira
Guiomar do Rosário Barros Valdez	Mestrado em Educação	História Contemporânea Educação no Brasil numa leitura sócio - política. Geografia da América Latina
Hélia Coelho Cunha	Mestrado em Cognição e Linguagem	Português Instrumental
José Luis Maciel Puglia	Especialista em Problemas Ambientais Regionais	Organização Interna das Cidades
Linovaldo Miranda Lemos	Mestrado em Políticas Públicas	Geografia do Mundo Contemporâneo
Luiz Cláudio Gomes de Abreu	Mestrado em Cognição e Linguagem	Contexto social: Educação, Trabalho e Tecnologias. Contexto social: Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem
Luis Marcelo Branco	Mestrado em Engenharia Civil	Cartografia
Maria Amélia Ayd Corrêa	Mestrado em História	Tópicos de História do Brasil

Marlúcia Cereja de Alencar	Doutorado em Comunicação e Cultura	Prática Pedagógica I Prática Pedagógica II Prática Pedagógica III. Prática Pedagógica IV.
Mauricio Guimarães Vicente	Especialista em História	Geografia e Meio Ambiente Geografia do Rio de Janeiro
Mauricio Nunes Lamônica	Mestrado em Geografia	Climatologia Hidrogeografia Biogeografia Ambientes de Aprendizagem de Geografia I e II
Nelson Crespo Pinto Pimentel	Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades	Urbanização Mundial, Tecnologia e Espaço e Gestão do Território
Roberta de Sousa Ramalho	Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais	Geologia Geomorfologia Geografia Física do Brasil
Rodrigo Valente Serra	Doutorado em Economia Aplicada	Dinâmica Regional Brasileira Modernização Tecnológica do Espaço Brasileiro: redes de comunicação, serviços e transporte.
Rosiane da Silva Terra	Especialista em História	Modernização Tecnológica do Espaço Brasileiro: Energia e Indústria
Selmo Eduardo Pires	Mestrado em Engenharia	Estatística
Simone da Hora Macedo	Mestrado em Educação	Contexto da Instituição Escolar: Organização e Gestão Pedagógica da Escola
Synthio Vieira de Almeida	Mestrado em Ciência Política	Ciência Política Geopolítica e Conflitos do Mundo Contemporâneo